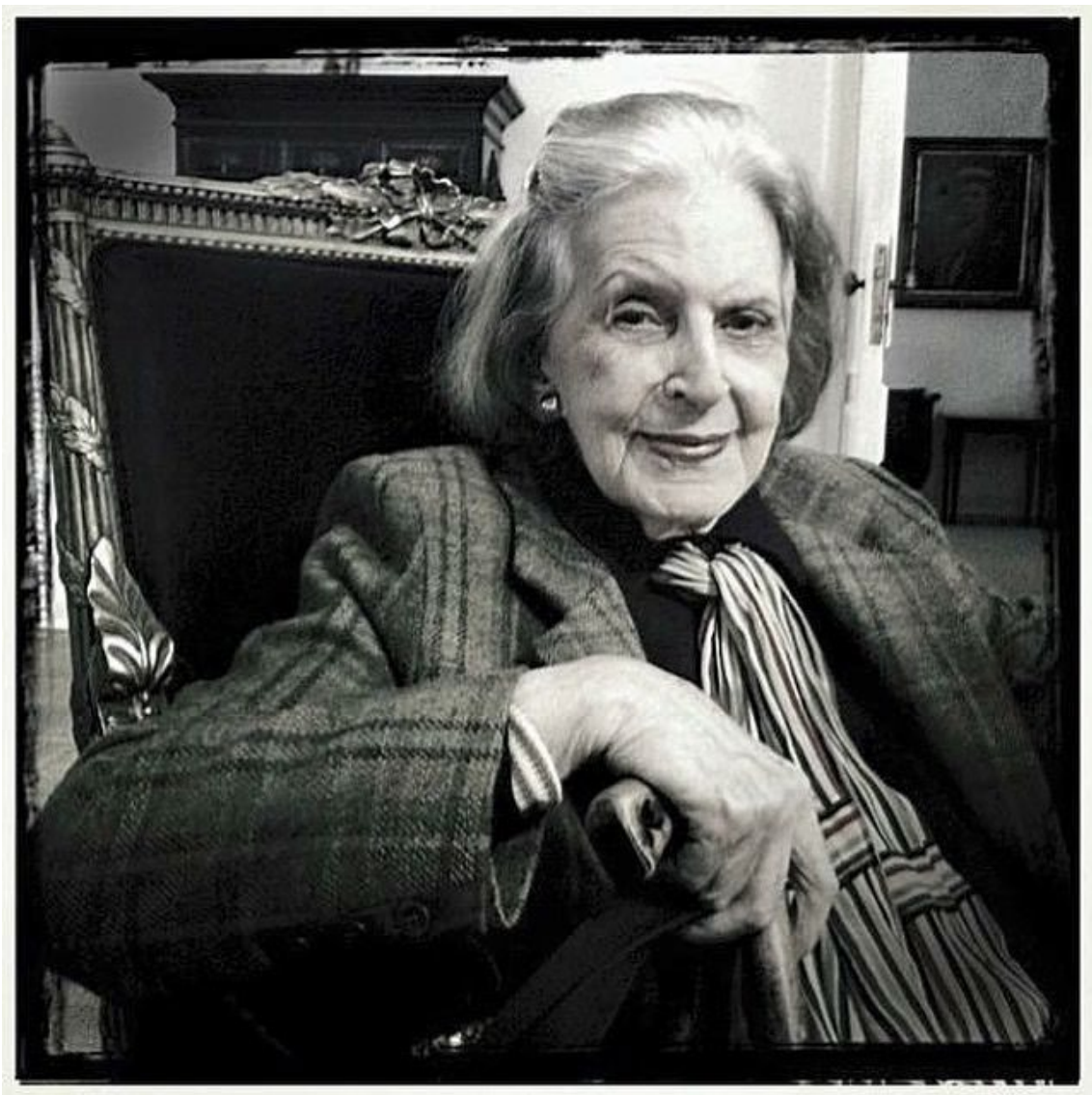


OFÉLIA CRISTINA XAVIER DE ANDRADE

Perspectivas da Análise Documental de textos narrativos de ficção: contos de
Lygia Fagundes Telles

Marília

2023



Lygia Fagundes Telles

(São Paulo, 19 de abril de 1918 – São Paulo, 3 de abril de 2022)

OFÉLIA CRISTINA XAVIER DE ANDRADE

Perspectivas da Análise Documental de textos narrativos de ficção: contos de
Lygia Fagundes Telles

Dissertação para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus Marília, requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação Tecnologia e Conhecimento

Linha de Pesquisa: Produção e Organização da Informação.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Ernesto de Moraes.

Marília

2023

A553p

Andrade, Ofélia Cristina Xavier de

Perspectivas da análise documental de textos narrativos de ficção :
contos de Lygia Fagundes Telles / Ofélia Cristina Xavier de Andrade.

-- Marília, 2023

69 f. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientador: João Batista Ernesto de Moraes

1. Análise documental. 2. Análise do discurso literário. 3. Textos
narrativos de ficção. 4. Contos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

OFÉLIA CRISTINA XAVIER DE ANDRADE

Perspectivas da Análise Documental de textos narrativos de ficção: contos de
Lygia Fagundes Telles

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”
(Unesp), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da
Informação.

Área de Concentração: Informação Tecnologia e Conhecimento
Linha de Pesquisa: Produção e Organização da Informação

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. João Batista Ernesto de Moraes
UNESP – Campus de Marília
Orientador

Dra Deise Maria Antonio Sabbag
USP - Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto
Examinadora

Dra Brígida Maria Nogueira Cervantes
UEL - Universidade Estadual de Londrina
Examinadora

Marília, 13 de maio 2022.

DEDICATÓRIA

***Aos meus pais, Pedro (em memória) e
Nair, meus filhos Hugo e Otávio.***

AGRADECIMENTOS

Agradeço esta pesquisa a algumas pessoas, são poucas, mas agradeço de todo o meu coração e afirmo ser verdadeiro.

Primeiro, quero agradecer meu querido professor e orientador, Dr. João Ernesto Batista de Moraes e, como eu digo, meu mestre de sempre, sempre e desde 1995.

Minha amiga, Larissa de Mello Lima, a quem eu chamo carinhosamente de Larissa Clarice, ou melhor, Larissa Lispector. Que me ajudou muito na minha caminhada desde minha intenção de fazer mestrado até a conclusão de minha dissertação. Não deixou que eu desistisse, apesar das adversidades e dificuldades de percorrer essa caminhada de estudos juntamente com a vida profissional e familiar.

Também, agradeço muito minha querida amiga Mariana Rodrigues Mello, futura doutora em Ciência da Informação, que sempre me apoiou em tudo e ainda publicamos artigos na trajetória acadêmica.

Agradeço às professoras Deise Sabbag e Daniele Achilles, que por meio de suas aulas possibilitou a realização de um trabalho final que acabou resultando em um artigo.

Às professoras Deise e Brígida, por aceitarem prontamente o convite para a banca de Qualificação.

Ao prof. Dilson Devides e Michelle Devides, por sempre estarem dispostos a auxiliar meus trabalhos e, também, por sua amizade.

À minha família, que tanto amo, aos meus filhos Hugo Andrade e Otávio Andrade e minha querida mãezinha, Nair, minha fortaleza.

Sou grata, também, ao Senac Marília, pelo incentivo dado por meio da gerente Andréia Peretti Sangaletti.

“A criação literária? O escritor pode ser louco, mas não enlouquece o leitor, ao contrário, pode até desviá-lo da loucura. O escritor pode ser corrompido, mas não corrompe. Pode ser solitário e triste e ainda assim vai alimentar o sonho daquele que está na solidão”.

Lygia Fagundes Telles.

RESUMO

O Tratamento da Informação privilegia em sua representação e recuperação os textos técnicos/científicos, sendo insuficiente nos procedimentos utilizados para o conteúdo temático de textos narrativos de ficção. O objetivo geral dessa pesquisa foi contribuir para a Análise Documental de textos narrativos de ficção, através da Análise do Discurso Literário e experimentar o Modelo de Leitura Documental criado por Lima (2021) para o gênero conto. Os objetivos específicos foram: descrever o percurso teórico da Análise Documental de textos narrativos de ficção; verificar a Análise do Discurso de Matriz Francesa como metodologia da Análise de textos literários; e analisar a obra da autora Lygia Fagundes Telles nos contos: “Ou mudei eu?” e “História de Passarinho”; e comparar as análises realizadas na pesquisa com as representações encontradas em algumas unidades de informação selecionadas para observar as diferentes representações recuperadas. A metodologia utilizada para o processo de análise de textos de ficção foi através da Análise do Discurso de Matriz Francesa, articulados com o Modelo de Leitura para textos narrativos de ficção, de Lima (2021), baseado nas categorias propostas por Beghtol (1994) e a Análise do Discurso por Orlandi (1999) para a definição dos conteúdos dos documentos. Foi realizada uma busca nos catálogos online de algumas unidades de informação, (Biblioteca Nacional, Biblioteca UNESP, Biblioteca UFSCAR, Biblioteca Senac, e Biblioteca Pública de Marília) dos contos selecionados na pesquisa, confirmou-se que a representação dos termos era apenas em gênero/nacionalidade, sendo insuficiente as terminologias na pesquisa aos usuários. Através da Análise do Discurso e do Modelo de Leitura utilizado foi selecionado novos conteúdos temáticos, no processo de representação de obras narrativas de ficção. Concluiu-se positivo utilizar a Análise do Discurso e o Modelo de Leitura, para que desta forma, possa selecionar termos que represente melhor os contos para o processo de representação de obras de ficção. E que o Modelo de Leitura fique como proposta em auxiliar os profissionais da informação (bibliotecários/indexadores).

Palavras-chave: Análise Documental; Análise do Discurso Literário; Textos narrativos de ficção; Contos

ABSTRACT

The Treatment of Information privileges in its representation and recovery the technical/scientific texts, being insufficient in the procedures used for the thematic content of narrative texts of fiction. The general objective of this research was to contribute to the Documental Analysis of narrative texts of fiction, through the Analysis of Literary Discourse and to experience the Documentary Reading Model created by Lima (2021) for the short story genre. The specific objectives were: to describe the theoretical path of Documentary Analysis of narrative texts of fiction; to verify the Analysis of the Discourse of French Matrix as a methodology of the Analysis of literary texts; and analyze the work of the author Lygia Fagundes Telles in the short stories: "Did I change?" and "History of Bird"; e and compare the analyses performed in the research with the representations found in some units of information selected to observe the different representations retrieved The methodology used for the process of analysis of fiction texts was through the Analysis of the Discourse of French Matrix, articulated with the Reading Model for narrative texts of fiction, lima (2021), based on the categories proposed by Beghtol (1994) and the Discourse Analysis by Orlandi (1999) for the definition of the contents of the documents. A search was conducted in the online catalogs of some information units, (National Library, UNESP Library, UFSCAR Library, Senac Library, and Public Library of Marília) of the short stories selected in the research, it was confirmed that the representation of the terms was only in gender/nationality, and the terminologies in the research were insufficient to users. Through discourse analysis and the reading model used, new thematic contents were selected in the process of representation of narrative works of fiction. It was concluded that it was positive to use discourse analysis and the reading model, so that in this way, it can select terms that better represent the short stories for the process of representation of works of fiction. And that the Reading Model is proposed in helping information professionals (librarians/indexers).

Keywords: Document Analysis; Analysis of Literary Discourse; Narrative texts of fiction; Tales

Lista de Figuras

Figura 1 - Paradigma do Conhecimento	22
Figura 2 - Quadro Conceitual	25
Figura 3 - Análise de Discurso de Matriz francesa	39
Figura 4 - Academia Brasileira de Letras, Lygia Fagundes Telles.....	42
Figura 5 – Categoria de leitura.....	46
Figura 6 - Modelo de leitura para contos	47
Figura 8 - Qual corpus será submetido à análise? Conto 1.....	47
Figura 7 - Modelo de leitura para contos.....	52
Figura 9 - Qual corpus será submetido à análise? Conto 2.....	52
Figura 10 - Busca em unidade de informação: contos	59
Figura 11 - Ou mudei eu? (termos utilizados pela autora)	60
Figura 12 - História e passarinho (termos utilizados pela autora)	61

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
2 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: ênfase no processo documental.....	19
3 ANÁLISE DOCUMENTAL DE TEXTOS LITERÁRIOS.....	23
4 CONTRIBUIÇÕES PARA ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO.....	28
4.1 Análise do Discurso literário	31
4.2 Análise do Discurso de Matriz Francesa	36
4.3 Matriz Francesa como metodologia	38
4.4 Dama da Literatura: Lygia Fagundes Telles.....	40
5 RESULTADOS.....	44
5.1 Processo de Análise do Discurso contos da Lygia Fagundes Telles.....	44
5.2 Análise 1: “Ou mudei eu?”	47
5.3 Análise 2: "História de Passarinho".....	52
5.4 Indexação de textos narrativos de ficção	58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIA	66

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como proposta a Análise Documental de textos literários, com a preocupação de recuperar a informação no processo de indexação de suas obras de ficção por meio de estudos teóricos e metodológico, pautados na Semântica Linguística, para Recuperação e Representação do conteúdo dos documentos de forma proficientes.

Segundo Sabbag (2013), a Ciência da Informação tem firmado uma estreita ligação com a Linguística, a qual tem dado suporte para o desenvolvimento de muitas pesquisas na área de documentação e procedimentos aplicáveis à indexação, podendo ser citadas a dissertação de Antonio (2008) e a tese de Sabbag (2013), como alguns exemplos.

Estudos realizados no Campus da UNESP de Marília trabalham com a recuperação de textos narrativos de ficção, desenvolvidos no grupo de Pesquisa Análise Documentária, na linha de Pesquisa "Metodologias de Análise e condensação de documentos". Tais pesquisas destacam alguns estudos como de Moraes e Guimarães (2006), Moraes, Guimarães e Guarido (2007), Antonio e Moraes (2010).

A Análise Documental pode ser descrita como um processo cujo objetivo é identificar o conteúdo do documento para a realização de sua síntese e, assim, possa ser representada nos catálogos por meio dos vocabulários controlados. Estratégias trabalhadas por vários autores bem representadas por Gardin *et al.* (1981); García Gutierrez (1984); Cunha (1987); Pinto Molina (1989); Coyaud (1966); Chaumier (1971;1988); Clauso Garcia (1933); Ruiz Perez (1992); Guimarães (2003).

Para Pinto Molina (1989), a Análise Documental é dividida em dois processos: a Análise Documental de Forma, que é responsável por descrever os elementos extrínsecos ao documento e a Análise Documental de Conteúdo, que foca na identificação dos elementos que estão intrínsecos ao documento. A Análise Documental é constituída por um conjunto de operações, algumas de ordem intelectual, outras mecânicas e repetitivas, que afetam o conteúdo e a forma dos documentos originais, os reelaborando e os transformando em outros de caráter instrumental ou secundário, com o objetivo de facilitar ao usuário a identificação precisa, a recuperação e a disseminação da informação.

Muitas são as pesquisas desenvolvidas desde 2011, como Barros (2014), Caprioli (2018) e Lima (2021), em *Análise do Discurso*, pelo grupo de Pesquisa *Análise Documentária* (UNESP/Marília), entre Literatura, Linguística e Ciência da Informação, com base teórica no *Percurso Gerativo de Sentido* na *Análise Documental* de textos narrativos de ficção. A perspectiva da *Análise do Discurso Literário* passou a ocupar espaço desde 2018, a partir da dissertação e teses de Sabbag (2013), Caprioli (2018) e Lima (2021) mostrando que há como relacionar *Análise do discurso* com o *Discurso Literário* para fins de recuperação da informação em unidades de informação. No grupo de pesquisa *Linguagem, Discurso e Organização do Conhecimento*, autores como base bibliográfica são: Moraes, Sabbag, Lima e Caprioli.

Em relação à complexidade do texto escrito, Orlandi (2000) explica:

É fácil se perceber que há uma complexidade de elementos que tem a ver com a significação de qualquer texto, incluindo-se até mesmo a existência de diversos tipos de discursos. Não se lê da mesma forma um texto literário e um texto científico, um conto de fadas e um cálculo matemático, etc. (ORLANDI, 2000, p. 12).

A *Análise do Discurso* tem uma proposta adequada em relação a certas colocações em que os processos da linguagem que entram em jogo são os processos histórico-sociais, ou seja, o discurso é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é a linguística. (ORLANDI, 2000).

Da mesma forma, Brandão (2004) sinaliza a *Análise do Discurso* como finalidade de compreender a linguagem expressa em discurso, indo muito além da fala e dos elementos explicitados. Para a autora, essas linguagens são construídas por processos histórico-sociais.

Versa e Soares (2014) afirmam que o texto literário é formado por enunciados determinados dentro de um contexto fictício em que o autor está inserido, ou seja, apresentam condições sócio-históricas.

Dessa forma, esse estudo levanta o seguinte problema de pesquisa: Como sintetizar o conteúdo de textos narrativos de ficção fazendo uso da *Análise do Discurso Literário*? Guimarães, Moraes e Guarido (2007) e Moraes

(2011) apresentam a necessidade de parâmetros para futuros estudos, estimulando pesquisas da Análise Documental de textos narrativos de ficção.

Sabbag (2013) conceitua, em sua tese, um modelo que simula a produção e interpretação do significado, demonstrando que o sentido do texto acontece a partir da articulação dos elementos que o forma, ou seja, parte do pressuposto de que no discurso existe uma sintaxe e uma semântica do discurso, porém os textos não são apenas planos de conteúdo, pois este precisa ser vinculado ao plano da expressão. (FIORIN, 2011).

O texto tem como objeto de comunicação os objetos culturais, os quais estão inseridos em uma sociedade com influências ideológicas específicas. Desse modo, quando se pretende analisar um texto, é necessário examiná-lo mantendo sua relação com o contexto sócio-histórico que envolve e lhe atribui sentido. Dentro dessa análise, usamos a semiótica para descrever não somente o sentido do texto, mas também a sua parte estrutural, ou seja, examinar os procedimentos de organização textual, como os mecanismos de produção e recepção do texto. (BARROS, 2010).

Guimarães, Moraes e Guarido (2007) mostram a necessidade do estabelecimento de parâmetros para estudos futuros da Análise Documental de textos narrativos de ficção, pois acreditam que o texto narrativo de ficção sofre com falhas profundas no processo de representação por conta da falta de um ferramental adequado para lidar com as singularidades do texto literário.

A presente pesquisa tem como metodologia a Análise do Discurso de Matriz francesa de maneira horizontalizada e Análise do Discurso Literário de maneira mais verticalizada, acreditando que dessa relação surja um processo viável de Organização da Informação, no que tange à Representação e Recuperação da informação de obras narrativas de ficção em Unidades de Informação.

O processo discursivo possui ferramentas fundamentais que podem decodificar formações discursivas presentes no discurso literário, sendo pautadas em formações discursivas, ideológicas e na materialidade do discurso.

Para Antonio (2008), o texto narrativo de ficção tem características que o compõem, como a concisão, a precisão, a unidade de efeito ou efeito único. Portanto, para a Análise desse tipo de obra é necessário levar em consideração elementos como a ação, o tempo, as personagens, o ponto de vista e os recursos narrativos.

Dessa forma, a Análise do discurso tem a finalidade de compreender a linguagem expressa em um discurso além da fala e de elementos explicitados, sendo essas linguagens construídas por processos histórico-sociais. Assim, um texto de literatura, produzido por enunciados determinados dentro de um contexto fictício, é composto por relevantes condições sócio-históricas e, desse modo, apresenta-se como objeto a ser estudado pela Análise do discurso. (BRANDÃO, 2004; VERSA, SOARES, 2014).

A Análise do Discurso Literário, Stafuzza (2011) destaca que:

A obra literária, por sua vez, não pode ser vista como unidade imediata, certa, homogênea, uma vez que a dispersão dos sentidos no discurso literário permite aos seus dizeres apresentarem-se repetidos, sabidos, esquecidos, transformados, apagados, ocultos. Sob essa perspectiva, não é tratar de examinar um copus como se tivesse sido produzido por certo sujeito, mas de considerar sua enunciação como o correspondente de uma dada posição sócio-histórica na qual os enunciadores revelam-se substituíveis.

As unidades de informação (Bibliotecas Universitárias, Bibliotecas Pública, Bibliotecas escolares etc.) realizam a representação temática do conteúdo do documento que podem gerar inconsistência no processo de recuperação da informação. Nesse processo, os textos narrativos de ficção sofrem mais falhas de recuperação, pois lidam com as singularidades que um texto literário é produzido.

Nesta dificuldade da recuperação da informação, esta pesquisa visa propor uma alternativa para a representação e a recuperação da informação de forma mais profícua, mediante o processo discursivo e suas ferramentas que podem decodificar formações discursivas literárias de ficção.

Segundo Guimarães (2008), a Ciência da Informação, dada sua natureza mediadora entre a produção e o uso da informação, observa que a

construção de seu referencial teórico-metodológico está pautada a partir de três correntes: de catalogação de assunto (*subject cataloguing*), de influência norte-americana; de indexação (*indexing*), de influência inglesa; e da análise documentária (*analyse documentaire*), de influência francesa.

Em razão desses estudos, é possível contemplar a pesquisa da Análise Documental, efetivamente na Análise de Discurso sob influência francesa.

Com base no exposto, os seguintes objetivos foram traçados:

Objetivo Geral: Contribuir para a Análise Documental de textos narrativos de ficção, através da Análise do Discurso e experimentar o Modelo de Leitura Documental criado por Lima (2021) para o gênero conto.

Objetivos Específicos:

- Descrever o percurso teórico da Análise Documental de textos narrativos de ficção;
- Verificar a Análise do Discurso de matriz francesa e a metodologia da Análise na literatura de textos narrativos de ficção;
- Caracterizar a obra da autora Lygia Fagundes Telles nos contos “Ou mudei eu?” e “História de Passarinho” para resolução das questões levantadas;
- Comparar as análises realizadas na pesquisa com as representações encontradas em algumas unidades de informação selecionadas para observar as diferentes representações recuperadas.

O capítulo 1 apresenta o início da justificativa da pesquisa da Análise Documental dos textos narrativos de ficção, além de realizar os processos metodológicos por meio da Análise do Discurso desses tipos de textos, objetivando, assim, averiguar uma forma diferente de representação e recuperação desses textos. Também são apresentados o objetivo geral e os

objetivos específicos.

O capítulo 2 apresenta o conceito de Organização do Conhecimento além de abordar sua importância dentro da pesquisa.

O capítulo 3 apresenta o conceito de Análise Documental de textos literários e sua importância.

Explana-se os conceitos da Análise do Discurso Literário, no capítulo 4 e, em seguida, apresenta um histórico da Análise do Discurso de Matriz Francesa e, como metodologia, adentra-se na vida e obra da autora Lygia Fagundes Telles.

No capítulo 5 apresenta as análises da pesquisa realizadas: a Análise do Discurso Literário dos contos “Ou eu Mudei?” e “História de Passarinho” com base na Análise do Discurso de Matriz Francesa.

São apresentados os assuntos extraídos do conto por meio da Análise de Discurso Literário dos quais incidirão os resultados da pesquisa a fim de observar e apresentar na metodologia utilizada, as diferentes representações recuperadas dos textos narrativos de ficção.

Posteriormente foram acessados os sites de cinco bibliotecas: Biblioteca da UNESP, Biblioteca da UFSCAR, Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública de Marília e Biblioteca SENAC SP a fim de verificar e comparar as terminologias usadas de indexação em textos literários de ficção, com os termos alcançados por meio da análise do discurso literário de matriz francesa, com base nos contos de Lygia Fagundes Telles: “Ou mudei eu?” e “História de Passarinho”.

As considerações finais são apresentadas no capítulo 6, salientando a importância da Análise Documental para textos narrativos de ficção e que possa ter modelos de leitura para auxiliar o serviço de representação documental de ficção.

2 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: ênfase no processo de análise documental

A humanidade, no decorrer de sua evolução, vem exercitando suas faculdades de agir sobre o meio ambiente e de transformá-lo. Na sua capacidade de elaborar registros documentais e realizar outras ações como meio de transmissão das informações a outras pessoas, lugares e épocas. Essa quantidade de registros é cada vez maior devido ao simples crescimento da população, assim como, o desenvolvimento das tecnologias e métodos de elaboração e produção desses registros.

Dahlberg (1995), em seus estudos, afirma que a organização do conhecimento constitui em disciplina ou área de estudos: nos aspectos teóricos (organização do conhecimento) e práticos (processos documentários e representação do conhecimento).

Considerando a importância da temática e o interesse do Grupo de pesquisa de Tratamento Temático da Informação em desenvolvê-la mais profundamente para o apoio teórico de suas outras linhas, foi indicada a composição da mesa denominada *Organização do Conhecimento*, com a participação dos professores e pesquisadores José Augusto Chave Guimarães (Unesp – Campus de Marília) e Mário Barité (Universidad de la República, Uruguai), ambos envolvidos em pesquisas na temática abordada (FUJITA, 2001, p. 29).

Barité (2001) participa como palestrante no III Simpósio de Filosofia e Ciência, no Campus da UNESP-Marília, abordando a Organização do Conhecimento, um novo marco teórico conceitual em Biblioteconomia e Documentação. Para o autor, nenhum marco conceitual resulta ser válido e eficaz se não estiver diretamente articulado com as necessidades e exigências reais da prática profissional com soluções de problemas significativos. Essas necessidades e exigências estão vinculadas à imensa dificuldade de estabelecer sistemas satisfatórios de representação temática (classificação, indexação, organização temática) de documentos em bibliotecas e centro de documentação, dificuldades estas que se estabeleceram historicamente até a chegada das novas tecnologias.

Guimarães (2001), nas perspectivas de ensino e pesquisa na organização do conhecimento, tem constituído, no decorrer dos últimos anos, em objeto de docência e de investigação no curso de Biblioteconomia, no nível de graduação e pós-graduação, o processo de capacitação docente, sob influências básicas de duas linhas: a linha francesa, de interferência da linguística, com a lógica no processo de análise documentária (ECA-USP) e a linha anglo-americana, no processo de recuperação da informação e de interface tecnológica/indexação (UnB e UFMG).

Há, também, estudos da Organização do Conhecimento no âmbito da Ciência da Informação, representados por grupos de pesquisadores da UNESP-Marília, com preocupações investigativas voltadas para os seguintes temas: teoria da classificação, processo de leitura documentária, diplomática como suporte metodológico ao processo de análise documentária e avaliação de linguagens documentárias (GUIMARÃES, 2001).

Outro ponto que merece destaque no âmbito da Organização do Conhecimento é a influência teórica dentro da temática de análise documentária e de teoria da classificação, por meio da *Internacional Society of Knowledge Organization*, na Alemanha e pela Universidade de Granada, na Espanha.

Diante do cenário, vale salientar que o conhecimento faz parte de um processo, uma vez que sua forma de produção e uso se torna objeto de estudo registrado e socializado, responsável pelo desenvolvimento de técnicas para a construção, gestão, uso e evolução das classificações científicas, taxonomias e linguagens documentais (BARITÉ, 2001). Com base no exposto, Barité (2001), para introduzir essa temática na Biblioteconomia e Documentação, apresenta três grandes áreas: gestão das unidades de informação; tratamento da informação e gestão do uso da informação. Cada uma delas tem sua configuração em particular e sua especialização, mas há necessidades correspondentes que mantêm a comunicação entre elas.

No tratamento temático da informação, procura-se a identificação, o processamento e a disponibilização do conteúdo informacional dos documentos. Nesse sentido, o Tratamento Temático da Informação integra o

ciclo de operações documentais, uma vez que ocupa posição intermediária entre a coleta e a difusão de documentos e, destarte, caracteriza-se por atividades de processamento, tanto sob a ótica do suporte material – tratamento descritivo - quanto do conteúdo – tratamento temático (KOBASHI, 1994; FUJITA, 2003).

Rumo a uma abordagem mais científica, ou seja, a busca por uma Ciência documental, a Documentação apresenta seus conceitos, princípios e métodos específicos, que partem do conhecimento, passam por seus registros em documentos que, após serem organizados e recuperados, permitem a transmissão de informação ao usuário, gerando um novo conhecimento.

Guimarães e Barité (2001) detalham, em seus estudos do Tratamento da Informação, o delineamento de novas perspectivas teóricas. Surge, assim, o projeto dos docentes com a preocupação de ir além da tradicional concepção do *organizar para achar e*, de outra forma, voltar para questões mais afincas como *o que organizar* (produção e proveniência documental) e, ainda, *como se utiliza* (uso documental). (grifo do autor).

Nessa questão documental e conceitual do documento, enquanto suporte de informação e fonte de informação, apresenta-se o aspecto que conduz ao surgimento de uma ciência documental, demasiado pragmática e tecnicista norte-americana no tocante ao tratamento temático da informação para, de outra forma, caminhar rumo a uma nova visão, mais teórica e humanista, de influência mais europeia (França, Espanha e Canadá). (GUIMARÃES, 2001).

Especificamente na Biblioteconomia, a questão da organização do conhecimento se apresenta pertinente à área de Tratamento da Informação, mais especificamente em seu aspecto temático (teoria da classificação, análise da informação, teoria da indexação) e descritivo dos documentos. Historicamente, centrava-se no documento, depois na informação e, em nossos dias, apresenta-se o paradigma do conhecimento, conforme exposto no quadro um.

Figura 1 – Paradigma do Conhecimento

no documento	o suporte que, como tal, deve ser objeto de estudo, mormente em questões relativas à sua proveniência, organicidade e autenticidade).
na informação	o conteúdo veiculado pelo documento, sua fonte primordial de busca.
no conhecimento	o que se almeja com a apropriação da informação.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Guimarães (2001, p.65)

As diferentes formas de avaliação de sistemas de descrição, catalogação, ordenação, classificação, armazenamento, comunicação e recuperação dos documentos foram criadas pelo homem para testemunhar, conservar e transmitir seu saber e seus atos, a partir de seu conteúdo, com o fim de garantir sua conversão em informação capaz de gerar novo conhecimento.

Guimarães (2001) certifica que estudo das possibilidades de organização de um conhecimento registrado sob a perspectiva de geração de novo conhecimento que se transforma em informação (conhecimento em ação) passa a gerar novo conhecimento, completando um ciclo, ou seja, o formato espiral.

Essa pesquisa aborda a Análise Documental, voltada para textos literários, especificando os textos narrativos de ficção.

3 ANÁLISE DOCUMENTAL DE TEXTOS NARRATIVOS DE FICÇÃO

Essa pesquisa aborda a representação da informação, através da Análise Documental de textos literários, especificando os textos narrativos de ficção por meio de estudos teóricos e metodológico, pautados da Semântica Linguística.

A análise do documento torna-se uma atividade para o profissional da informação muito complexa, pois sofre interferências de fatores linguísticos, cognitivos e lógicos, enfrentando dificuldades ao desenvolver a atividade.

O processo de análise documental tem seu início no desenvolvimento das estratégias específicas de leitura documental que buscam identificar aspectos que podem ser objetos de representação para, posteriormente, ter a utilização do documento. (GUIMARÃES; MORAES, 2006).

Moraes (2011) considera que um texto possui uma forma (superestrutura) que independe do conteúdo (macroestrutura). Este conteúdo (macroestrutura, ou estrutura profunda) se materializa e se organiza em termos de estruturas superficiais (microestruturas). Estas definições atendem bem ao tipo específico de texto (texto narrativo de ficção) e quanto à questão do conteúdo, trata-se das questões da macroestrutura (VAN DIJK, 1997, p. 55).

Para representar e recuperar documentos como os técnico-científicos, a análise de conteúdo demonstra eficácia na sua estrutura textual e física que colabora para a aplicabilidade de identificar o conteúdo temático de documentos por meio dos elementos pré-textuais e pós-textuais. São características que favorecem a análise de conteúdo desses documentos. Mas a metodologia de análise de conteúdo para os textos narrativos de ficção necessita de maior aprofundamento nos resultados apresentados pela sua representação e recuperação, pois acabam sendo representados somente por gênero e nacionalidade (SABBAG, 2018).

Em relação à complexidade da Análise do Discurso, Orlandi (2000) afirma que:

É fácil se perceber que há uma complexidade de elementos que tem a ver com a significação de qualquer texto, incluindo-se até mesmo a existência de diversos tipos de discursos. Não se lê da mesma forma um texto literário e um texto científico, um conto de fadas e um cálculo matemático etc. (ORLANDI, 2000, p. 12).

O processo discursivo possui ferramentas fundamentais que podem decodificar formações discursivas presentes no discurso literário, sendo pautadas em formações discursivas, ideológicas e na materialidade do discurso.

Para Antonio (2008), o texto narrativo de ficção tem características que o compõem, como a concisão, a precisão, a unidade de efeito ou efeito único, as quais são totais.

Dessa forma, a Análise do Discurso tem a finalidade de compreender a linguagem expressa em um discurso além da fala e de elementos explicitados, sendo essas linguagens construídas por processos histórico-sociais. Assim, um texto de literatura, produzido por enunciados determinados dentro de um contexto fictício, é relevante de condições sócio-históricas e, portanto, apresenta-se como objeto a ser estudado pela da Análise do Discurso (BRANDÃO, 2004; VERSA, SOARES, 2014).

Brandão (2014), baseada em Maingueneau (2005), faz um glossário interessante e bastante explicativo quanto ao conceito de discurso, texto, interdiscurso etc. Esse glossário representa um importante conteúdo para a presente pesquisa no tocante às reflexões discursivas para a análise do discurso. Nesse sentido, utilizou-se o conteúdo abordado por Brandão (2014) para a elaboração do quadro dois.

Figura 2 - Quadro conceitual

Termo	Conceito
Discurso	é toda atividade comunicativa, produtora de sentidos, ou melhor, de efeitos de sentidos, entre interlocutores (sujeitos situados social e historicamente). É uma atividade de construção de sentidos entre falantes na qual o que se diz significa em relação ao que não é dito (implícitos), ao efeito que se pretende atingir; significa em relação ao lugar social de onde se diz, a quem se diz; significa em relação a outros discursos que circulam (ou circularam) na sociedade. O discurso se manifesta por meio de textos orais ou escritos.
Condições de produção	constituem a instância verbal de produção do discurso: o contexto histórico social, os interlocutores, o lugar de onde falam e a imagem que fazem de si, do outro e do referente.
Contexto	refere-se ao conjunto de elementos que cerca a produção de um texto: quem fala, a quem se fala, relação do enunciado ou texto com outros enunciados ou textos, o lugar e o momento da produção do texto.
Dialogismo	discurso tem uma dimensão dialógica, isto é, é uma espécie de diálogo na medida em que quando falamos ou escrevemos, temos em mente a pessoa que nos escuta ou nos lê e também na medida em que trazemos no nosso discurso as falas de outros usando a citação (discurso direto, indireto, aspas) de forma clara ou não (implícita).
Enunciado	uma noção discursiva que se opõe à noção de frase gramatical. Ou seja, uma frase é abstrata, não é o produto de um sujeito concreto, tem um sentido neutro ao passo que o enunciado é produzido por um sujeito concreto (de carne e osso), por isso é concreto, expressa as atitudes desse sujeito (suas ideias, preconceitos, crenças, emoções etc.)
Formação discursiva	conjunto de enunciados ou textos marcados por certas características comuns em relação à linguagem usada ou aos temas discutidos ou às posições ideológicas. Uma formação discursiva remete a uma mesma formação ideológica, mas uma formação discursiva não é homogênea, isto é, pelo caráter dialógico da linguagem, uma formação discursiva tem dentro de si outras formações discursivas com as quais dialoga, quer para contestá-las quer para a elas unir sua voz.
Formação ideológica	conjunto de atitudes e representações que os falantes têm sobre si mesmos e sobre o interlocutor e o assunto em pauta; essas atitudes e representações estão relacionadas com a posição social de onde falam ou escrevem, com as

	relações de poder (muitas vezes contraditórias, conflituosas) que se estabelecem entre eles.
Gênero do discurso	toda e qualquer forma de manifestação do discurso produzida pelos falantes em uma determinada esfera social do uso da linguagem; por esse caráter social, o gênero é uma forma codificada historicamente por uma determinada cultura, visando à comunicação entre seus membros; isto é, sabemos o que é uma carta, um bilhete, uma piada, uma fábula etc. na medida em que usamos essas formas para interagirmos com o outro em nossa sociedade. O gênero do discurso se materializa sob a forma de texto.
Implícito	do ponto de vista da comunicação, dependendo do contexto em que um enunciado é dito, por detrás do seu sentido explícito pode estar um sentido oculto ou implícito que o ouvinte ou leitor deve construir (ou inferir, deduzir) levando em conta os fatores extralinguísticos. Por ex., “Faz calor” pode significar simplesmente que faz calor. Mas em certos contextos, pode significar: “Abra a janela” ou “Desligue o aquecedor” ou “Posso tirar o casaco?”.
Interdiscurso	a relação de diálogo que um discurso trava com outros discursos: todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos, isto é, ao falar citamos, discutimos, polemizamos com outros discursos situados no presente ou no passado. A interdiscursividade é própria de todo discurso e é consequência do princípio do dialogismo que caracteriza a linguagem humana.
Interlocutor	é a pessoa que dialoga, discute, conversa com um outro. No plural, interlocutores, pode significar ainda as pessoas envolvidas numa situação de interação comunicativa, um sendo o interlocutor do outro.
Polifonia	Refere-se à qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro, criando um efeito de entrecruzamento de vozes em relação de aliança ou de polêmica.
Texto	construído pelos falantes em suas relações interacionais, constituindo-se num todo significativo com começo, meio e fim. Sua produção e compreensão deve levar em conta as condições de sua produção (situação de enunciação, interlocutores, contexto histórico social), exigindo de seus participantes conhecimentos não só linguísticos como conhecimentos extralinguísticos (conhecimento de mundo, saber enciclopédico, determinações socioculturais, ideológicas etc.).
Tipo textual	a maneira como um gênero discursivo (notícia, carta, por ex.) se organiza (por narração, descrição, argumentação ou

	explicação); construção feita pelo falante que escolhe os recursos da língua e expressa sua atitude (certeza, dúvida, opinião, ironia etc.) em relação ao assunto que está tratando e em relação ao seu interlocutor.
--	---

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Brandão (2014, p. 24-27).

Stafuzza (2011, p. 61) trata a Análise do Discurso Literário da seguinte forma:

A obra literária, por sua vez, não pode ser vista como unidade imediata, certa, homogênea, uma vez que a dispersão dos sentidos no discurso literário permite aos seus dizeres apresentarem-se repetidos, sabidos, esquecidos, transformados, apagados, ocultos. Sob essa perspectiva, não se trata de examinar um corpus como se tivesse sido produzido por certo sujeito, mas de considerar sua enunciação como o correspondente de uma dada posição sócio-histórica na qual os enunciadores revelam-se substituíveis.

Metodologicamente, a pesquisa “Perspectivas da Análise Documental de textos narrativos de ficção: contos de Lygia Fagundes Telles” utiliza a Análise do Discurso para a análise dos contos.

Nessa linha, a Análise do Discurso tem uma proposta adequada em relação a certas colocações em que os processos da linguagem que entram em jogo são processos histórico-sociais, ou seja, o discurso é um objeto histórico-social cuja especificidade está em sua materialidade que é a linguística. (ORLANDI, 2000).

4 CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO

O homem, na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem pela análise da relação estabelecida entre a língua e os sujeitos que a falam, além das situações em que se produz o dizer. Não se trabalha com a história e sociedade como se elas existissem independentes daquilo que elas significam.

Em “curso de linguística geral” Saussure afirma que língua e fala são diferentes, possuindo relação de oposição. Para Saussure a língua é o conjunto de signos estruturados, o todo, que uma comunidade utiliza para se comunicar, ou seja, é algo coletivo e social. Já a fala é denominada por ele como algo individual, particular, ou seja, é a maneira como as pessoas usam a língua. Embora diferentes, elas se complementam, são dependentes uma da outra. A língua, para que possa existir e se estabelecer, precisa de falantes. Dessa maneira, a fala também precisa de um modo para existir, um código, uma ferramenta. Saussure fez seu estudo sobre a língua, pois, segundo ele, era propício para aprofundamento naquele momento e, portanto, a fala foi deixada de lado (SAUSSURE, 1973).

Para Orlandi (2000), a Análise do Discurso critica a prática das Ciências Sociais e a da Linguística, refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua.

Saussure (2006) afirma que a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, sejam de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência em todas as formas de expressão. Nesse sentido, os textos escritos representam um importante instrumento de análise para a prática dos linguistas, pois, eles possibilitam o conhecimento dos idiomas passados ou distantes, por exemplo.

Ele descreve também que a Linguística tem relação bastante estreita com outras ciências, que tanto lhe tomam empréstados como lhe fornecem dados. Mas os limites que a separa das outras ciências não aparecem sempre nitidamente. A Linguística deve, por exemplo, ser cuidadosamente distinguida

da Etnografia e da pré-história, pois, neste caso, a língua não intervém senão a título de documento. Distingue-se também da Antropologia, que estuda o homem somente do ponto de vista da espécie, enquanto a linguagem é um fato social (SAUSSURE, 2006).

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não se trata da língua como gramática, embora toda a parte gramatical lhe interesse. Seu interesse central é o discurso. A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de percurso e, como estudo, observar o homem falando. Procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (ORLANDI, 2000, p.15).

Em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam, essa nova forma de conhecimento coloca questões para a Linguística, interpelando-a historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões à Sociologia, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. Desta forma, Orlandi (2000, p.16) ressalta que os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística.

Foucault (1986), ao tratar o discurso e as práticas (discursivas) como o discurso em movimento, entende o caráter atributivo que ele confere à linguagem. Foucault não vê a linguagem como um instrumento que liga o nosso pensamento à coisa pensada, mas sim, como um instrumento de correspondência e como formalização da arte de pensar. Ele assume a linguagem como constitutiva do nosso pensamento e, conseqüentemente, do sentido que damos às coisas, à nossa experiência ao mundo (VEIGA-NETO, 2007, p. 89).

Partindo da ideia do sujeito com a experiência ao mundo, Foucault (1986) afirma que cada um de nós nasce em um mundo que já é de linguagem, um mundo em que os discursos já estão, há muito tempo, circulando e nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos. O sujeito de um discurso não é a origem individual e autônoma de um ato que traz à luz os enunciados desse

discurso; ele não é o dono de uma intenção comunicativa, como se fosse capaz de se posicionar fora desse discurso. Um exemplo para entender melhor esta citação, é o sujeito pedagógico que Foucault explica, onde não existe sujeito pedagógico fora do discurso pedagógico, nem forma dos processos que definem suas posições nos significados (VEIGA-NETO, 2007, p. 91).

Para Orlandi (2000, p. 17) o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre a língua e ideologia, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. A materialidade da ideologia é o discurso e materialidade do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz Peucheux (1975), não há discursos sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.

Em meados dos anos 60, do século XX, a Análise do Discurso constitui três domínios disciplinares que são, ao mesmo tempo, ruptura com o século XIX: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise (ORLANDI, 2000).

Para Orlandi (2000, p. 19)

A Linguística constitui-se pela afirmação da não-transparência da linguagem: ela tem seu objeto próprio, a língua, e esta tem sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a Análise do Discurso, que procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. Cada um tem sua especificidade. Por outro lado, a Análise de Discurso pressupõe o legado do materialismo histórico, isto é, o de que há um real da história de tal forma que o homem faz história mas esta também não lhe é transparente.

A estrutura e acontecimento reunindo a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Nesse momento que entra a Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito. Por sua vez, o sujeito constitui na relação com o simbólico na história.

4.1 Análise de Discurso Literário

Segundo Guimarães (2008), dentro da Ciência da Informação, a representação do documento tem fundamental importância para seus usuários. Partindo do pressuposto, que a Análise do Discurso busca contribuir com a Análise Documental e apresenta, de certa forma, um conjunto de procedimentos metodológicos voltados à definição do conteúdo temático de documentos, de modo a permitir a recuperação, o acesso e o uso da informação neles contida. (MORAES, 2011).

O texto representa um objeto de comunicação que é constituído por objetos culturais existentes em uma sociedade que é composta por influências ideológicas específicas. Desse modo, quando se pretende analisar um texto é necessário examiná-lo mantendo sua relação com o contexto sócio-histórico que envolve e lhe atribui sentido. Dentro desta análise, uma área importante de atuação é a semiótica, pois ela além de descrever o sentido do texto também considera a parte estrutural, ou seja, examina os procedimentos de organização textual, como os mecanismos de produção e recepção do texto. (BARROS, 2010).

No que se refere ao discurso, ele deve ser compreendido como algo que ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico. O nível discursivo apoia-se sobre a gramática da língua (o fonema, a palavra, a frase), mas nele é importante levar em conta também e, sobretudo, os interlocutores* (com suas crenças, valores) e a situação (lugar e tempo geográfico, histórico) em que o discurso é produzido. (MAINGUENEAU, 2001).

Todo discurso se constrói numa rede de outros discursos; em outras palavras, numa rede interdiscursiva. Nenhum discurso é único, singular, mas está em constante interação com os discursos que já foram produzidos e estão sendo produzidos (MAINGUENEAU, 2001). Nessa relação interdiscursiva (com outros discursos), quer citando, quer comentando, parodiando esses discursos, disputa-se a verdade pela palavra numa relação de aliança, de polêmica ou de oposição. É nesse sentido que se diz que o discurso é uma arena de lutas em que locutores, vozes, falando de posições ideológicas, sociais, culturais diferentes procuram interagir e atuar uns sobre os outros. (BRANDÃO, 2004).

Assim, para a Análise do Discurso, a linguagem deve ser estudada não só em relação ao seu aspecto gramatical, exigindo um saber linguístico, mas também em relação aos aspectos ideológicos, sociais que se manifestam por meio de um saber socioideológico. Para a Análise do Discurso, o estudo da língua está sempre aliado ao aspecto social e histórico.

Dessa forma, a Análise do discurso tem a finalidade de compreender a linguagem expressa em um discurso além da fala e de elementos explicitados, sendo essas linguagens construídas por processos histórico-sociais.

Pêcheux (1994) considera as condições de produção do discurso a partir da análise de aspectos sócio-históricos e ideológicos. O objeto de estudo da Análise do Discurso não é a língua, nem a fala, e, sim, o discurso, e estudá-lo implica considerar a exterioridade constitutiva da linguagem.

Segundo Foucault (1986), a Análise do Discurso trabalha na relação entre o linguístico e o ideológico, na medida em que todo e qualquer discurso sofre a ação ideológica. Para ele, não é mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdo ou as representações), mas com práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Assim, os discursos são feitos de signos; mas o que os determina como tal está mais além do uso desses signos para designar coisas. Ou seja, todo e qualquer discurso sofre a ação da ideologia que o atravessa.

A Análise do Discurso, teoria de matriz francesa fundada por Pêcheux (1994) se desenvolve e se articula dentro dos campos da Linguística, Ciências Sociais e Psicanálise, trabalhando a língua em movimento e sua relação com ideologia e discurso. Por discurso, apresenta-se a noção de percurso, ideia de movimento e que para a Análise do Discurso, o discurso é efeito, produção de sentidos por e para sujeitos. O sentido de um discurso se faz ou se significa pela história, socialmente construído e apoiado em outros dizeres que se estabilizam na memória. (ORLANDI, 1999).

Essa memória é condição da linguagem e que suporte os movimentos do sujeito, onde a exterioridade e historicidade produzirão sentidos, em um jogo de estrutura e acontecimento, entre o mesmo e o diferente, movimentando

os sentidos com palavras já ditas, significando entre o já dito e o que será dito para (re)significar os sentidos entre paráfrase e polissemia.

Orlandi (1999, p. 38) explica que “esse jogo entre paráfrase e polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos.” O discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia.

Da mesma forma, Brandão (2004) sinaliza a Análise do Discurso como finalidade de compreender a linguagem expressa em discurso indo muito além da fala e de elementos explicitados, sendo essas linguagens construídas por processos histórico-sociais.

Para Brandão (1997, p. 11):

[...] "análise do discurso" praticamente pode designar qualquer coisa (toda produção de linguagem pode ser considerada "discurso"), isto provem da própria organização do campo da linguística. Este último, muito esquematicamente, opõe de forma constante um núcleo que alguns consideram "rígido" a uma periferia cujos contornos instáveis estão em contato com as disciplinas vizinhas (sociologia, psicologia, história, filosofia etc.). A primeira região é dedicada ao estudo da "língua", no sentido saussuriano, a uma rede de propriedades formais, enquanto a segunda se refere a linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas. O termo "discurso" e seu correlato "análise do discurso" remetem exatamente a este último modo de apreensão da linguagem.

O texto literário é formado por enunciados determinados dentro de um contexto fictício, tendo condições sócio-históricas, afirma Versa e Soares (2014), em que o autor está inserido no contexto sociocultural.

Para Pecheux (1975), Haroche *et al.* (1987) e Orlandi (2000), o discurso apresenta três bases para o conhecimento científico: o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações; a linguística, como mecanismos sintáticos e processos de enunciação; e o discursos, como processos semânticos.

Dentro da Ciência da Informação, na recuperação da informação que

esta pesquisa visa propor uma alternativa para a representação e a recuperação, de forma mais profícua, mediante o processo discursivo e suas ferramentas que podem decodificar formações discursivas literárias de ficção.

Para Orlandi (1999, p.26)

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender.

A Análise do Discurso e os discursos literários se encontram ao considerar o fato literário como discurso. Esse encontro possibilita restituir as obras aos espaços que as tornam possíveis, onde elas são produzidas, avaliadas, administradas. Maingueneau (2009) considera a Análise do Discurso literário um ramo da Análise do Discurso. A partir dessa perspectiva, noções como visão de mundo, autor, documento, influência, contexto etc. têm que ser recusadas, passando a ser de responsabilidade da obra – por meio do mundo que configura em seu texto – refletir, legitimando-as às condições de sua própria atividade enunciativa. É nesse sentido que o autor concebe o texto literário como sendo a própria gestão do contexto.

O texto é um processo significativo e não um depósito de informações pré-determinadas, pois sua aceção é a interação do autor entre seus interlocutores, num diálogo gerador de inúmeros sentidos, cuja determinação é história, social e ideologia. A Análise do Discurso resulta de um trabalho histórico-social, não podendo consistir unicamente na procura do suposto conteúdo das palavras em um dado texto, porém na procura do funcionamento do discurso na realização dos sentidos. (ORLANDI, 1999).

As formações discursivas podem ser vistas com interdiscurso, com configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma

formação discursiva em relação à outra. As formações discursivas podem ser constituídas pela contradição, são heterogêneas e configuram-se e reconfiguram-se em suas relações como, por exemplo, por meio da metáfora, figura de linguagem muito importante na análise do discurso.

Mainueneau (1997, p. 93) explica e conceitua o metadiscurso:

A heterogeneidade enunciativa não está ligada unicamente a presença de sujeitos diversos em um mesmo enunciado; ela também pode resultar da construção pelo locutor de níveis distintos no interior de seu próprio discurso. Reconhecer-se-á aí os múltiplos fenômenos que resultam das glosas que acompanham o que o locutor diz. Com efeito, em um enunciado, nem tudo é produzido sobre a mesma frequência de onda: o dito é constantemente atravessável por um metadiscurso mais ou menos visível que manifesta um trabalho de ajustamento dos termos a um código de referência. Esta possibilidade de associar, a todo instante, na sequência do discurso, os enunciados e seus comentários remete evidentemente a propriedade que as línguas naturais possuem de se descrever sem passar por um outro sistema semiótico. Do ponto de vista da AD, o metadiscurso do locutor apresenta um grande interesse, pois permite descobrir os "pontos sensíveis" no modo como uma formação discursiva define sua identidade em relação a língua e ao interdiscurso.

Em relação à parafraseagem, a Análise do Discurso adota um ponto de vista que vai ao encontro das representações que os usuários fazem espontaneamente. Parafrasear consiste em se colocarem uma posição de exterioridade relativa face à sequência de seu próprio discurso. Nessa concepção, a presença de um marcador de reformulação parafrástico conduz à conclusão de que existem problemas ou obstáculos à comunicação. A parafraseagem aparece em Análise do Discurso como uma tentativa para controlar em pontos nevrálgicos a polissemia aberta pela língua e pelo interdiscurso. Fingindo dizer diferentemente a "mesma coisa" para restituir uma equivalência preexistente, a paráfrase abre, na realidade, o bem-estar que pretende absorver, ela define uma rede de desvios cuja figura desenha a identidade de uma formação discursiva. (MAINGUENEAU, 1997).

Orlandi (1999) afirma que a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem. Esse jogo entre paráfrase e polissemia atesta o confronto ao simbólico e ao político. Todo dizer é ideologicamente marcado. É

na língua que a ideologia se materializa.

Na Análise do Discurso, o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo, ou seja, uma relação linguístico-histórica.

4.2 Análise do Discurso de Matriz Francesa

Acredita-se ser importante retomar brevemente o contexto histórico pelo qual a França passava e, desta forma, apresentar a importância da Análise do Discurso.

Para contextualizar o porquê da metodologia de matriz francesa, vamos começar com o filósofo Michel Pêcheux, que realiza uma forte ligação entre a Filosofia e a Ciências Sociais, assim como estudos centralizados no sujeito da linguagem e do discurso (HENRY, 1997).

Na França, em meados dos anos de 1960, começa a negação do estruturalismo e o excesso de formalismo e padronização dos elementos de linguagem tratados por influência de Saussure (1973). Como já abordado anteriormente, ele afirma que a língua e a fala são diferentes, sendo que a língua é o conjunto de signos estruturados, utilizados pela comunidade para se comunicar e, portanto, é algo coletivo e social. A fala é denominada como particular e individual, ou seja, é o modo como as pessoas usam a língua. Embora sejam diferentes, uma depende da outra para existir.

Diante do cenário, compreende-se que ao deixar a fala em segundo plano de estudo, Saussure deixa em aberto um campo de estudo rico e até então sem aprofundamento teórico.

Ao serem interligados estes fatores listados acima; o excesso de formalismo linguístico somado ao sujeito que conduz a fala sendo deixado em segundo plano, Pêcheux e seus seguidores criam a Análise do Discurso Francesa. O marco inicial da corrente teórica foi fixado no lançamento paralelo em 1969 da obra “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux, e da Revista *Langages* criada por Jean Dubois (MAINGUENEAU, 1997).

Torna-se legítimo afirmar que eles possuíam um solo fértil para germinar teorias centradas no sujeito até então esquecido. Ele retoma, por exemplo, elementos da teoria do inconsciente coletivo de Lacan para retratar sobre o papel desempenhado pelo sujeito nos discursos.

Para falar sobre a escola brasileira de Análise do Discurso, é necessário percorrer os desdobramentos teóricos da obra de Michel Pêcheux no território brasileiro que, devido às suas características históricas, desenvolveram-se diferentemente dos apresentados pela abordagem francesa.

A sua introdução no Brasil sofreu grande influência do regime militar, em 1964 até meados da década de 1980. Costuma-se dizer que, no final dos anos 70 e no início dos anos 80, a Análise do Discurso foi instaurada no Brasil – mais especificamente na UNICAMP, onde a professora Eni Pulcinelli Orlandi ministrava os primeiros cursos devido ao enfraquecimento pelo qual passava a ditadura militar nesse período. Ela pondera a respeito da Análise do Discurso no Brasil:

Análise de discurso institucionaliza-se amplamente – não sem algumas resistências, alguns antagonismos – e, com sua produção e alcance teórico, configura-se como uma disciplina de solo fértil, com muitas consequências tanto para a teoria como para a prática do saber linguístico (ORLANDI, 1999, p. 9).

Para analisar esses discursos, a Análise do Discurso, definida inicialmente como “o estudo linguístico das condições de produção de um enunciado” não se limita a um estudo puramente linguístico, isto é, a analisar só a parte gramatical da língua (a palavra, a frase), mas leva em conta outros aspectos externos à língua que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos que cercam a produção de um discurso e nele se refletem; o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos e que circulam na comunidade (BRANDÃO, 2009).

O principal ponto é que, diferente do que aconteceu na França, a Análise do Discurso no Brasil separa a análise dos textos, apresentando uma relacionada aos textos escritos e outra preocupada com a oralidade. Dito de

outro modo, no Brasil, a análise do discurso manteve o interesse em ambos os tipos de produções, dando uma sustentação diferente ao método e ao uso da mesma.

4.3 Matriz Francesa como metodologia

A proposta da pesquisa tratou-se de um estudo bibliográfico, teórico, documental, e a última fase do estudo de campo exploratório. Iniciou com o levantamento bibliográfico exaustivo: acervo físico (livros, teses, dissertações), em busca de conceitos fundamentais sobre a Análise do Discurso, Análise do Discurso Literário e Análise de Matriz Francesa.

Posteriormente, foram levantadas informações sobre o tipo de literatura que foi tratada no trabalho, sendo textos narrativos de ficção, pautada no contexto em que o autor está inserido. A autora escolhida e as singularidades da obra publicada, de Lygia Fagundes Telles. O conto "Ou mudei eu?" inserido em um contexto sócio-histórico e em conflitos nas relações que acarretam. Autora nascida na cidade de São Paulo, no dia 19 de abril de 1923, conhecida como "a dama da literatura brasileira" e "a maior escritora brasileira viva", considerada por acadêmicos, críticos e leitores uma das mais importantes e notáveis escritoras brasileiras do século XX e da história da literatura brasileira (Academia Brasileira de Letras).

A revisão de literatura sobre Análise do Discurso e as singularidades do discurso literário é de extrema importância e fundamental para que fosse possível realizar a observação, comparações e considerações da representação da informação, no objetivo que esta pesquisa quis atingir seus resultados. Será retomado Maingueneau (2001, 2008), Pêcheux (1983, 1994, 1997) e Foucault (1986, 2010) para consolidar a Análise do Discurso de obras de ficção.

Foi utilizada a Análise de Discurso de Matriz francesa como metodologia, buscando adentrar na especificidade do discurso literário e da linguística, caracterizada pelo discurso do tipo escrito, doutrinário e institucional, pela forma e construção do objeto, método estruturalista e envolvendo a linguística e a abordagem histórico-social.

Na pesquisa realizou comparação dos termos temáticos abordados como análise documental através das obras da Lygia Fagundes Telles, buscando em alguns catálogos online de Bibliotecas selecionadas para estudo. Dentre elas são: Bibliotecas da Unesp, Biblioteca Pública de Marília, Biblioteca do Senac SP, Biblioteca da UFSCAR e Biblioteca Nacional para fins de comparação com as pesquisas na recuperação da informação, pois observamos que os textos literários de ficção, dentro da Ciência da Informação, não foram explorados em pesquisas.

Maingueneau (1997, p. 16) faz uma síntese da Análise de Discurso francesa para avaliar a escola francesa de Análise do Discurso, segue o quadro três

Figura 3 – Análise de Discurso de Matriz francesa

Análise do Discurso		
De Matriz francesa		
Tipo de discurso	Escrito	Quadro institucional doutrinário
Objetivos determinados	Propósitos textuais	Explicações — forma Construção do objeto
Método	estruturalismo	linguística e história
Origem	linguística	

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Maingueneau (1997, p. 16)

A Análise do Discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. Foucault, com base nesse conceito, entende um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente (ORLANDI, 1999).

A Análise do Discurso de matriz francesa, nascida e estruturada na filosofia, ideologia e social, segundo Foucault (1986), tendo como base teórica a relação entre o discurso e documento, pautado nos autores como Michel Pêcheux, Michel Foucault e Eni Pulcenelli Orlandi (MORAES, LIMA e CAPRIOLLI, 2016).

4.4 Dama da Literatura: Lygia Fagundes Telles

Prosadora celebrada por grandes nomes da crítica literária brasileira, Lygia Fagundes Telles transitou à vontade entre o romance e o conto, mas foi, talvez, no último que exerceu seu talento com mais perfeita expressão.

Lygia Fagundes Telles nasceu em São Paulo e passou a infância no interior do estado. Seu pai advogado, sr. Durval de Azevedo Fagundes, foi promotor público e sua mãe, Maria do Rosário, mais conhecida como Zazita, era pianista. Tão logo foi alfabetizada, começou a escrever nos cadernos escolares, as histórias que ouvia contar.

A escritora fez curso na escola fundamental Caetano de Campos e, em seguida, ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da Universidade de São Paulo.

Já em sua adolescência manifestou paixão pela literatura, incentivada pelos seus amigos, os escritores Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo e Edgar Cavalheiro.

Ainda estudante, colaborava com os jornais “Arcádia” e “A Balança”, ambos vinculados à Academia de Letras da faculdade. Nessa época, frequentava os encontros de literatura com Mário e Oswald de Andrade.

Estreou com *Porão e sobrado*, de 1938, coletânea de 12 contos que ela, no futuro, consideraria “ginasianos”. A escritora prefere datar o início de sua carreira com o primeiro romance, *Ciranda de pedra*, de 1954, que lhe conferiu a maturidade literária. No entanto, ela mesma reconheceria mais tarde ter abordado, nessa obra, excesso de temas, reflexo ainda de uma certa urgência da juventude. Antes de *Ciranda*, ela publicara *Praia viva*, de 1944, e *O cacto vermelho*, de 1949, ambos contos.

A estreia oficial de Lygia Fagundes Telles na literatura ocorreu em 1944, com o volume de contos "Praia Viva". Em 1947, casou-se com um de seus professores, o jurista Goffredo Telles Júnior, com quem teve um filho.

Segue com a contínua produção de contos e romances, entre eles, "Ciranda de Pedra" (1954), onde relata a história de um casal que se separa e a caçula vai morar com a mãe, onde vive os dramas ocultos de uma jovem de pais separados.

Em 1958, publica o livro de contos, "História do Desencontro", que recebeu o Prêmio do Instituto Nacional do Livro. Ainda em 1958 casa-se com o ensaísta e crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes. Em 1963, publica seu segundo romance "Verão no Aquário", que recebeu o Prêmio Jabuti.

Escreveu o roteiro para o filme Capitu (1967), junto com seu marido Paulo Emílio Salles Gomes, baseado na obra Dom Casmurro de Machado de Assis, uma encomenda de Paulo César Saraceni, que recebeu o Prêmio Candango de Melhor Roteiro Cinematográfico.

A década de 70 representou a consagração de Lygia com o livro de contos "Antes do Baile Verde" (1970), quando recebeu o Prêmio Internacional de Escritoras, na França.

O livro "As Meninas" (1973) tornou um dos seus mais importantes romances, recebendo o Prêmio Jabuti, em 1974, sendo adaptado ao cinema em 1975, dirigido por Emiliano Ribeiro. A obra trama um paralelo entre a vida de três pessoas que agitaram a juventude em um período conturbado da história do Brasil.

O livro "Seminário dos Ratos" (1977) foi responsável pelo Prêmio PEN Clube do Brasil. "A Disciplina do Amor" (1980) recebeu o Prêmio Jabuti e o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte.

Em 1982, Lygia Fagundes Telles foi eleita para a Academia Paulista de Letras. Em 1985, tornou-se a terceira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira n.º 16, no dia 12 de maio de 1987, a qual foi eleita para a Academia das Ciências de Lisboa.

Figura 4 - Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira n.º 16, no dia 12 de maio de 1987.



Fonte: ABL (Academia Brasileira de Letras).

A obra de Lygia Fagundes Telles apresenta um universo marcadamente feminino, embora comprometida em documentar a difícil condição de vida de uma sociedade frágil dos centros urbanos, uma literatura engajada, destinada a documentar a história trágica do país, como se lê em “As Meninas”.

Por sua vasta produção literária, é considerada uma das maiores romancista e contistas da literatura brasileira. É uma das mais destacadas representantes do Movimento Pós-Modernista no Brasil.

A escolha da autora Lygia Fagundes Telles pela pesquisa realizada deve-se ao encantamento pelas suas escritas, pelos seus contos muito bem articulados e por encontrar em seus discursos uma grande diversidade de assuntos de forma fictícia em situações cotidianas que vivemos, além de trabalhar em suas narrativas, assuntos polêmicos como: o feminismo, o racismo, momentos políticos etc. Terror ou horror também aparecem em seus textos para mexer com o leitor.

A diversidade de assuntos e os diferentes recursos utilizados na construção de um texto literário possibilitam uma forma ampla de construção

do conhecimento. Nessa linha de raciocínio, cabe destacar o pensamento de Choo (2003) ao abordar que durante a construção do conhecimento, o principal processo de informação é a conversão do conhecimento. Por meio do diálogo e do discurso, os membros partilham seus conhecimentos e articulam o que intuitivamente sabem por meio de metáforas, analogias, assim como por canais mais formais de comunicação.

5 RESULTADOS

Nesta fase da pesquisa, apresentou o processo de Análise do Discurso dos contos de Lygia Fagundes Telles. Utilizou-se o Modelo de Análise de leitura de Lima (2021), baseado nas categorias de Begthol (1994) e Orlandi (1999) para os textos narrativos de ficção.

5.1 Processo de análise do discurso dos contos de Lygia Fagundes Telles

A Análise do Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Uma parte depende da análise que se faz e outra ao alcance da parte teórica da Análise de Discurso. (ORLANDI, 2008, p.26).

Para Orlandi (2008), falar sobre as relações entre texto, sujeito e formação discursiva com base na Análise de Discurso implica afirmar que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica, determina o que pode e deve ser dito.

A formação discursiva é o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito (é nela que todo sujeito se reconhece; na relação consigo mesmo e com os outros sujeitos). Orlandi (2008) afirma que aí está a condição do famoso consenso intersubjetivo (a evidência de que eu e tu somos sujeito) em que, ao se identificar, o sujeito adquire identidade. (PECHEUX, 1975).

A partir da Análise do Discurso, analisou dois contos da Lygia Fagundes Telles, “Ou Mudei Eu?” e “História de Passarinho”. O cenário de ambos os contos é em centro urbano. O primeiro retrata época de festa de Natal e como as pessoas reagem aos seus hábitos. A personagem questiona se foi ela quem mudou ou se mudaram o espírito natalino?! O segundo retrata a história de um homem infeliz que se compara com a vida de um passarinho

e, do mesmo modo, almeja a liberdade.

Os contos de Lygia Fagundes Telles têm duração em suas narrativas em microcosmo e é quase sempre compacta, embora, às vezes, comporte súbitos encolhimentos ou atalhos que saltam sobre décadas. Pode cobrir vastas extensões de tempo ou espaço, às vezes de ambos, contanto que sirva ao enredo. Pode ser complicado ou simples. Cheio de peripécias ou reduzido a só uma, central. (TELLES, 2018).

Sendo assim, foram selecionados dois contos da obra sob várias temáticas e foi realizado a Análise do Discurso em Matriz Francesa.

Utilizou o modelo de Análise de leitura de Lima (2021), proposto por Caprioli (2018) e baseado nas categorias de Begthol (1994) em seus conceitos para textos narrativos de ficção que considera que um discurso estruturado contém, sob qualquer terminologia, elementos básicos: personagem, evento, espaço e tempo.

Sabbag (2013) destaca que as obras de ficção apresentam histórias com elementos constantes onde se têm eventos e coisas existentes, ou seja, personagens e cenários. A autora também se utilizou das categorias propostas por Begthol (1994), em seu doutorado, no desenvolvimento metodológico de um modelo de leitura, MENTIF (Modelo de Leitura Documentária para Indexação de textos narrativos de ficção), para auxiliar os profissionais da informação na análise de obras de ficção.

Figura 5 – Categorias de leitura

Categorias	Perguntas	Conceitos	Termos de Indexação
Personagem	Existem seres ou atores que existem e participam no mundo da ficção (inclui o narrador quando for o caso)?		
Evento	Existem ocorrências e acontecimentos do mundo real e não real (inclui atos humanos e não humanos)?		
Espaço	A narração acontece em um determinado lugar geográfico ou localização no mundo ficcional?		
Tempo	Existe uma unidade de tempo no mundo ficcional?		

Fonte: Sabbag, 2013 baseada em Begthol (1994).

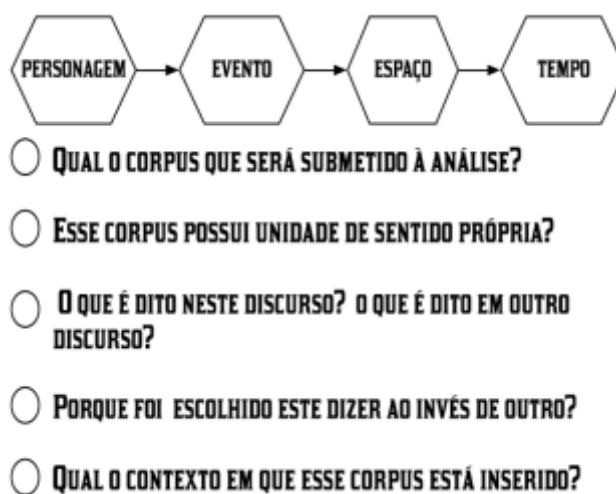
Destacamos também Orlandi (2008) as categorias da Análise do Discurso Francesa:

“Primeiro tratamento de análise superficial”: Momento em que se tem um contato primário com a superfície linguística do texto. É também neste momento em que é exposto o elemento do arquivo, ou seja, o corpus que será submetido à análise. “Transformação da superfície linguística em objeto discursivo”: Para efetuar esta transformação é necessário realizar uma pergunta norteadora: **“O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?”** A partir de tal estruturação, expõe-se o objeto discursivo a partir dos fenômenos linguísticos discursivos (paráfrase, polissemia, polifonia) que incidem sobre ele. “Do objeto discursivo para o processo discursivo”: Momento em que a pergunta norteadora é: **“Por que isso e não outro?”**. Na resposta em cada análise será atingido o processo discursivo, que mostra a relação que aquele dizer tem com o seu exterior. (grifo do autor).

No percurso de Análise da Literária dos contos, segue o modelo de Análise Discursiva de Leitura de Lima (2021), com as análises de textos narrativos de ficção.

5.2 Análise de Discurso do conto “Ou Mudei Eu? (corpus)”

Figura 6 – Modelo de leitura para contos 1



Fonte: LIMA (2021)

Figura 7 - Qual corpus será submetido à análise?

1 Cansaço cansaço – ela ficou repetindo bem baixinho, mas era possível? Tanta gente assim aglomerada no reduzido espaço da confeitaria. Todos falando ao mesmo tempo e pedindo, reclamando, exigindo - ô! Deus. E as vendedoras desesperadas e não disfarçando o desespero enquanto mãos e vozes suplicavam, a pontavam, Moça, por favor! Estou aqui faz mais de uma hora, uma dúzia daqueles doces... Não, esses não, os outros adiante, aqueles com morango! E panetone, acabou o panetone? Acabou, moça?! Quando a vendedora meio descabelada entregou-lhe finalmente o pacote redondo com o bolo de chocolate, o suor já porejava em sua testa.

2 Na calçada, parou um instante e teve um olhar desolado para o congestionamento dos carros na plenitude as buzinas em meio de alguns gritos. Palavrões, empurrões. E as buzinas. Mas a compra de um simples bolo era entrar numa batalha? E onde um táxi nesta hora? Ô! Deus, lamentou. Por que não viera com o próprio carro, mas onde estacionar?

3 Foi andando, a bolsa apertada debaixo do braço e nas mãos, o pacote levado assim como um troféu, tão grande esse bolo e tão grandes os pacotes e sacolas dessa gente toda, mas porque o Natal acabou por se transformar naquele licoroso inferno? Comer, beber e comprar, principalmente comprar, as lojas tão cheias e as igrejas esvaziadas, mas quem estava pensando no nascimento do Cristo?

4 As pessoas feito loucas, sussurrou, e por um momento pensou no Natal lá longe, a doce e calma ceia da infância, o presépio. A família ainda inteira em

redor da mesa. Agora levava esse bolo para uma família que não era mais a sua, ia a uma festa alheia com música altíssima e falas representando alegria, risadas. Risadas, ô! Deus, um cansaço.

Pensou naquele soneto que decorou ainda na juventude, de que mera mesmo? Esse verso, de tudo tinha ficado apenas esse verso, “Mudaria o Natal ou mudei eu?”. Eu mudei e o Natal também, ela pensou. Para pior. Para pior,

5 repetiu e enveredou para a praça ali adiante, seria bom descansar num banco porque o pé direito doía, o sapato apertava, esqueceu e foi calçar justamente esses sapatos elegantes, sem dúvida, mas quem estava olhando para seus pés? Escolheu aquele banco mais tranquilo e onde já estava um menino com sua pequena mochila atada às costas. Colocou o pacote em cima do banco no espaço entre ambos, descalçou discretamente os sapatos e ficou olhando o gramado. Só então reparou no menino com seu uniforme escolar, um uniforme pobre. A mochila de livros com as alças puídas. O tênis encardido.

6— É de chocolate? — ele perguntou baixando a cabeça para o pacote.

— Chocolate— ela disse e o menino voltou o olhar ainda extasiado na direção do coreto. O olhar agora pesquisava, sondando a distância.

Ela abriu a bolsa e tirou lenço, a tarde estava quente, mas a noite ia ser fria, pensou e reparou melhor no pequeno vizinho à beirada do banco. Cabelos lisos e espetados, caindo numa franja densa até às sobrancelhas. A pele cor de bronze. Os olhos escuros e estreitos. Um pequeno índio, conclui e achou graça no menino (Amazonas?) que pesquisava em redor com olhar esperto.

— Você está esperando alguém?

— O meu pai—ele disse e baixou o olhar para o pacote. — Isso daí é para sua festa?

— Não vou dar festa. Passo em casa de uns amigos e, mais nada. O seu pai trabalha por aqui?

— Ele vende bilhete de loteria lá perto do teatro. Tratou de pegar hoje, não quer que eu volte sozinho. A senhora também está esperando?

— Dando um tempo, tenho que pegar um táxi.

— Porque não pega o metrô? É longe pra danar mas a gente acaba chegando.

— Tem festa, garoto? Lá na sua casa?

— Bom, a a vó faz o pão no forno e tem frango, sopa — ele disse e

Passou a mão no nariz, tinha manchas de tinta nos dedos. — Minha mãe frita mandioca e vem meu tio e a tia e a primarada... É o pai que vem vindo, olha lá, aquele é o pai, eh! Pai...

A mulher levantou-se rapidamente e saiu quase correndo pela alameda afora. Ainda ouviu a voz aflita do menino, Ô! a senhora esqueceu o bolo! Seu bolo, moça!...

7 Quando ela atingiu a calçada, voltou-se e vislumbrou ainda por entre a folhagem o menino segurando o bolo e falando na maior excitação para o homem ao lado assim meio aturdido, olhando na direção que o menino indicava com a cabeça. Ainda esperavam (comemorando?) junto do banco que a mulher do bolo voltasse para apanhar o pacote. E de repente lá se

foram num andar ligeiro, pareciam rir quando sumiram atrás do coreto. Ela fez um sinal para o táxi (milagre!), um táxi vazio. Lembrou comum sorriso de que mera aquele soneto e ficou pensando na expressão iluminada do menino aspirando fundo o cheiro de chocolate, um Menino Jesus índio num banco de jardim.

Fonte: elaborado pela autora

Esse corpus possui unidade de sentido própria?

Personagem: Uma **mulher** e um **menino**.

Evento: Uma mulher que compra um bolo para levar a uma festa de amigos.

Espaço: Uma mulher cansada compra um bolo de chocolate em uma confeitaria com espaço reduzido e lotado, a caminho de uma festa de amigos e encontra um menino no banco de uma praça.

Tempo: véspera de Natal na cidade com um centro urbano lotado.

O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?

Neste discurso, uma mulher em uma confeitaria (espaço reduzido e lotado), busca comprar um bolo de chocolate para levar em uma festa. Ela cansada, já na calçada levando sua bolsa debaixo do braço e um bolo grande. Para um instante na calçada e fica com um olhar desolado para o congestionamento dos carros, buzinas, palavrões e empurrões, mais bolsas, sacolas dessa gente toda, mas se pergunta sobre o Natal, por que se transformou num licoroso inferno? Comer, beber e comprar, principalmente comprar. Lojas cheias e as igrejas vazias, mas quem estava pensando no nascimento do Cristo? Ela lembra como era no Natal lá longe, a doce e calma ceia da infância, o presépio. A família inteira ao redor da mesa. E que agora levava um bolo para uma família que não era sua. Decidi descansar no banco de uma praça, onde se sentou ao lado de um garoto (ela o descreve com traços indígenas) e repara nos seus trajes, um uniforme de escola, um uniforme pobre.

A mulher conversa com ele, falam sobre as festas em que cada um iria passar a véspera do Natal. Depois ela chama um táxi e esquece seu bolo em cima do banco onde estavam sentados. O menino tenta chamá-la, e ela

lembrou com um sorriso de quem era aquele soneto e ficou pensando na expressão iluminada do menino aspirando fundo o cheiro de chocolate, um Menino Jesus índio num banco de jardim.

O outro discurso nos trechos 2 e 3, a autora faz uma crítica a sociedade ao período do Natal, ao invés das igrejas lotadas para festejar o nascimento do Cristo, estão mais preocupados com as compras de presentes, comidas e bebidas.

No trecho 4, relembra como era o Natal em tempos, provavelmente, da sua infância, onde era maior harmonia (ceia familiar e presépio) e menos consumismo.

No trecho 6, faz uma crítica de um Natal mais simples para as famílias mais pobres, onde um menino que a mulher encontra no banco da praça, com aspectos físicos parecidos com um pequeno índio, como descreve, conclui e acha graça no menino (Amazonas?). O garoto relata como será sua ceia de Natal junto à família grande, onde junta a avó, tio, tia e a primarada. Uma festa muito simples.

E no trecho 7, ela chama um táxi e esquece seu bolo em cima do banco onde estavam sentados. O menino tenta chamá-la, e ela lembrou com um sorriso de quem era aquele soneto (lembrou da sua infância) e ficou pensando na expressão iluminada do menino aspirando fundo o cheiro de chocolate, um menino Jesus índio num banco de jardim. Ela se sente feliz por ter feito um bem para aquele menino, compara ao amor de Cristo.

Por que foi escolhido este dizer ao invés de outro?

Foi escolhido este dizer por que a autora trata da realidade social, especificamente as festas de Natal. Lygia é contemporânea, com incursões pelo passado não muito remoto, alcança tempos, lembranças. Traz na lembrança de sua personagem como era o Natal em seu mais longe. Seu tempo de infância. De como era diferente e harmoniosa a ceia de Natal entre as famílias. E hoje, o Natal está um licoroso inferno, pensa apenas em consumismo. A autora aproveita o encontro da sua personagem, a mulher, com um garoto pobre e retrata nessa personagem o lado social e esquecido de

quem não tem muito a oferecer em suas festas de Natal.

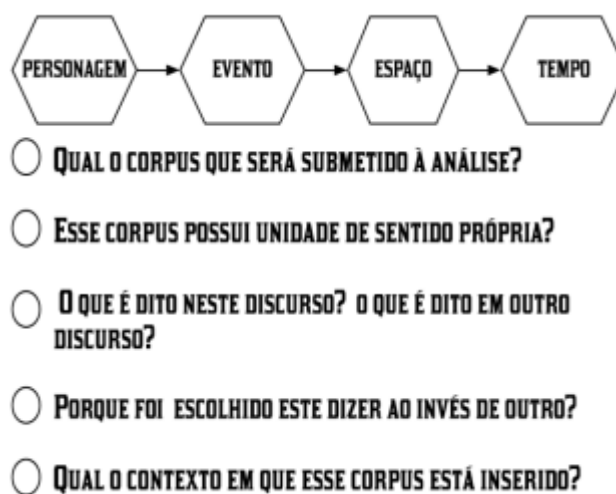
Lygia, no conto, “Ou Mudei Eu?” é de um lado social e temático dos olhares narrativos que compõem seus contos, em sua linguagem é um instrumento dócil, maleável, no brilho surdo do recato e da discrição. Ela ressalta em seus contos, a verrumação psicológica, no que concerne às conexões entre as pessoas, conexões ou meio emperrados ou sujeitos a atrito, ambas as possibilidades tratadas com ironia. Mostra, de certa forma, a realidade de nosso país subdesenvolvido, sua realidade, cheia de desigualdade social, política e educacional que compõe o olhar da escritora.

Qual contexto este corpus está inserido?

O contexto se encontra na véspera de Natal, onde todos estavam se preparando para a festividade. Lygia trabalha várias temáticas: o consumismo dos centros urbanos; a movimentação louca do trânsito de carros e pessoas; pessoas preocupadas em comprar comida, bebida e presentes (sua personagem, a mulher, que para comprar um bolo em uma confeitaria passou por momentos de cansaço e nervoso). Depois reflete sobre o verdadeiro sentido do Natal, o nascimento do Cristo. Em seguida, traz à lembrança da infância de sua personagem com sua família em ceia mais harmoniosa e que estava indo para uma festa que não era mais em família, mas com amigos. E, por fim, seu encontro com um menino pobre sentado no banco da praça.

5.3 Análise de Discurso do conto “História de Passarinho” (corpus)

Figura 8 – Modelo de leitura para contos 2



Fonte: LIMA (2021)

Figura 9 - Qual corpus será submetido à análise?

1 Um ano depois os moradores do bairro ainda se lembravam do homem de cabelo ruivo que enlouqueceu e sumiu de casa.

2 Ele era um santo, disse a mulher abrindo os braços. E as pessoas em redor não perguntaram nada e nem era preciso, perguntar o que se todos já sabiam que era um bom homem que de repente abandonou casa, emprego no cartório, o filho único, tudo. E se mandou Deus sabe para onde.

3 Só pode ter enlouquecido, sussurrou a mulher, e as pessoas tinham que se aproximar inclinando a cabeça para ouvir melhor. Mas de uma coisa estou certa, tudo começou com aquele passarinho, começou com o passarinho. Que o homem ruivo não sabia se era um canário ou um pintassilgo. Ô, Pai! Caçoava o filho, que raio de passarinho é esse que você foi arrumar?!

4 O homem ruivo introduzia o dedo entre as grades da gaiola e ficava acariciando a cabeça do passarinho que por essa época era um filhote todo arrepiado, escassa a plumagem de um amarelo-pálido com algumas peninhas de um cinza-claro.

5 Não sei, filho, deve ter caído de algum ninho, peguei ele na rua, não sei que passarinho é esse.

6 O menino mascava chicle. Você não sabe nada mesmo, Pai, nem marca de carro, nem marca de cigarro, nem marca de passarinho, você não sabe nada.

7 Em verdade, o homem ruivo sabia bem poucas coisas. Mas de uma coisa ele estava certo, é que naquele instante gostaria de estar em qualquer parte do mundo, mas em qualquer parte mesmo, menos ali. Mais tarde, quando o passarinho cresceu, o homem ruivo ficou sabendo também o quanto ambos se pareciam, o passarinho e ele.

8 Ai! o canto desse passarinho, queixava-se a mulher. Você quer mesmo me atormentar, Velho. O menino esticava os beiços, tentando fazer rodinhas com a fumaça do cigarro que subia para o teto, Bicho mais chato, Pai. Solta ele.

9 Antes de sair para o trabalho, o homem ruivo costumava ficar algum tempo olhando o passarinho que desatava a cantar, as asas trêmulas ligeiramente aberta, ora pousando num pé ora noutro e cantando como se não pudesse parar nunca mais. O homem então enfiava a ponta do dedo entre as grades, era a despedida e o passarinho, emudecido, vinha meio encolhido oferecer-lhe a cabeça para carícia. Enquanto o homem se afastava, o passarinho se atirava meio às cegas contra as grades, fugir, fugir. Algumas vezes, o homem assistiu a essas tentativas que deixavam o passarinho tão cansado, o peito palpitante, o bico ferido. Eu sei, você quer ir embora, você quer ir embora mas não pode ir, lá fora é diferente e agora é tarde demais.

10 A mulher punha-se então a falar e falava uns cinquenta minutos sobre as coisas todas que quisera ter e que o homem ruivo não lhe dera, não esquecer aquela viagem para Pocinhos do Rio Verde e o Trem Prateado descendo pela noite até o mar. Esse mar que se não fosse o Pai (que Deus o tenha!) ela jamais teria conhecido porque em negra hora se casara com um homem que não prestava para nada, Não sei mesmo onde estava com a cabeça quando me casei com você, Velho.

11 Ele continuava com o livro no peito, gostava muito de ler. Quando a mulher baixava o tom de voz, ainda furiosa (mas sem saber mais a razão de tanta fúria), o homem ruivo fechava o livro e ia conversar com o passarinho que se punha tão manso que se abrisse a portinhola poderia colhê-lo na palma da mão. Decorrido os cinquenta minutos das queixas, e como ele não respondia mesmo, ela se calava exausta. Puxava-o pela manga, afetuosa: Vai, Velho, o café está esfriando, nunca pensei que nesta idade eu fosse trabalhar tanto assim. O homem ia tomar o café. Numa dessas vezes, esqueceu de fechar a portinhola e quando voltou com o pano preto para cobrir a gaiola (era noite) a

gaiola estava vazia. Ele então sentou-se no degrau de pedra da escada e ali ficou pela madrugada, fixo na escuridão. Quando amanheceu, o gato da vizinha desceu o muro, aproximou-se da escada onde estava o homem ruivo e ficou ali estirado, a se espreguiçar sonolento de tão feliz. Por entre o pelo negro do gato desprende-se uma pequena pena amarelo-acinzentada que o vento delicadamente fez voar. O homem inclinou-se para colher a penas o polegar e o indicador. Mas não disse nada, nem mesmo quando o menino que presenciara a cena desatou a rir, Passarinho mais besta! Fugiu e acabou aí, na boca do gato.

12 Calmamente, sem a menor pressa o homem ruivo guardou a pena no bolso do casaco e levantou-se com uma expressão tão estranha que o menino parou de rir para ficar olhando. Repetiria depois à Mãe, Mas ele até que parecia contente, Mãe, juro que o Pai parecia contente, juro! A mulher então interrompeu o filho num sussurro, Ele ficou louco.

13 Quando formou-se a roda de vizinhos, o menino voltou a contar isso tudo mas não achou importante contar aquela coisa que descobriu de repente: o Pai era um homem alto, nunca tinha reparado antes como ele era alto. Não contou também que estranhou o andar do Pai, firme e reto, mas por que ele andava agora desse jeito? E repeti o que todos já sabiam, que quando o Pai saiu, deixou o portão aberto e não olhou para trás.

Fonte: elaborado pela autora

Esse corpus possui unidade de sentido própria?

Personagem: Uma **mulher**, um **homem ruivo**, um **menino** e um **passarinho**.

Evento: a história de um homem bom que desaparece sem deixar pistas, após a morte do seu passarinho que tanto gostava.

Espaço: Conta o sumiço de um homem ruivo, que parece ter enlouquecido, abandona casa, emprego, seu filho único, abandona tudo. Ele encontra um passarinho e leva para casa, mas seu filho fala que seu pai não sabe marca de nada, nem de passarinho, nem de carro, de nada. A morte do seu passarinho o faz sentir livre e ele desaparece.

Tempo: Depois de um ano os moradores relembram o desaparecimento do

homem ruivo e pai de família.

O que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?

Neste discurso, relata a história de um homem ruivo e pai de família que some e ninguém sabe bem para onde ele foi. E após um ano, os moradores do bairro relembram junto à esposa como ele era um homem bom. Colocaram a culpa no passarinho, dizendo que todo o ocorrido começou por ele. O pai conta ao menino que o passarinho havia caído do ninho e havia pegado e que não sabia sua “marca”. Seu filho caçoava pelo pai não saber se era um canário ou um pintassilgo. O homem ruivo sabia bem poucas coisas, mas que na verdade ele não queria estar mais ali, queria estar em qualquer outro lugar. Sua esposa reclamava sobre as coisas todas que quisera ter e que o homem ruivo não lhe dera. Em uma das manhãs ele esquece de fechar a portinhola e quando volta com o pano preto para cobrir a gaiola (noite) a gaiola estava vazia. Neste descuido o passarinho escapa da gaiola e um gato preto come. Ao ver aquela cena, o homem vê entre seus dedos apenas uma pena do passarinho. Ele sai pela porta, deixa aberto e não olha para trás. Depois desse dia ninguém nunca mais viu esse homem ruivo.

O outro discurso presente nos trechos 1 e 2 apresenta a imagem na lembrança dos moradores do bairro que o homem ruivo era bom e para a esposa um santo, e isso todos sabiam e que de repente enlouqueceu e sumiu de casa, ninguém sabe para onde. Aqui, a autora coloca a visão que os vizinhos tinham a respeito do homem ruivo, mas de forma calada a esposa concorda que o marido era um santo. E a mulher culpa o passarinho dizendo que tudo começou com ele. Mais fácil culpar alguém de um relacionamento frustrado e cheio de cobranças. Assim como mostra no trecho 10 em que a mulher falava uns cinquenta minutos sobre as coisas todas que queria ter e que o homem ruivo não lhe dava, inclusive uma viagem para Pocinhos do Rio Verde e o Trem Prateado descendo pela noite até o mar”. Eram muitas as reclamações, até do canto do passarinho ela reclamava. Seu filho também gostava de caçar de seu pai por muitas coisas ele não saber. Ele gostava muito de ler, e simplesmente fechava o livro e ia conversar com o passarinho que se punha tão manso que se abrisse a portinhola poderia colhê-lo na palma

da mão. Talvez uma forma de se acalmar, mas também de se comparar com uma prisão que vivia em sua vida, assim como o passarinho estava preso na gaiola. No trecho 9, ele diz ao passarinho “Eu sei, você quer ir embora, mas não pode ir, lá fora é diferente e agora é tarde demais”. Como se ele também não tivesse uma alternativa e tinha que ficar naquele relacionamento que não era feliz. Quando seu passarinho morre engolido pelo gato e ele pensa que ele fugiu, foi um sentimento parecido com a atitude tomada por ele, sair dali e nunca as voltar. Foi sua liberdade comparada a do passarinho (trecho 10 a 13).

Por que foi escolhido este dizer ao invés de outro?

Foi escolhido este dizer por que Lygia trabalha a narrativa de um homem cansado da vida que levava. Faz uma metáfora entre a liberdade almejada pelo homem que é representada pela liberdade que o passarinho almejava. O tempo inteiro o homem parece querer mostrar através do passarinho a sua realidade, como se sentia. O passarinho preso pelas grades, tentava fugir. No trecho 7, diz: “Mas de uma coisa ele estava certo, é que naquele instante gostaria de estar em qualquer parte do mundo, mas em qualquer parte mesmo, menos ali. Mais tarde, quando o passarinho cresceu, o homem ruivo ficou sabendo também o quanto ambos se pareciam, o passarinho e ele”. Demonstra a comparação que faz com sua vida e a do passarinho.

Qual contexto este corpus está inserido?

Lygia trabalha nesse conto, várias situações com suas personagens de forma descritiva num comportamento nostálgico. Neste conto, “História de Passarinho”, narra num contexto familiar no qual o homem se sente aprisionado em sua vida e não sente feliz com sua esposa e seu filho único. Nos trechos, ressaltam como era a vida desse homem ruivo com sua família. No trecho 10, a mulher se manifestava com reclamações da vida que levava, pois desejava situação social melhor. “A mulher punha-se então a falar e falava uns cinquenta minutos sobre as coisas todas que quisera ter e que o homem ruivo não lhe dera”. No trecho 6, tem a narrativa do filho que debocha do pai, o menosprezo por sua simplicidade, “o menino mascava chicle. Você não sabe nada mesmo, Pai, nem marca de carro, nem marca de cigarro, nem marca de

passarinho, você não sabe nada.” Sua única forma de se expressar era através do pequeno passarinho que ele havia adotado. E de certa forma, se comparava com o mesmo, no sentido da liberdade.

Para Orlandi, a Análise de Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido.

Desta forma, a análise depende uma parte da responsabilidade do analista e uma parte depende do método e o alcance teórico da Análise de Discurso. E o que dá responsabilidade ao analista é a formulação das questões que desencadeiam a análise e foi o que fizemos.

Baseando-se em Orlandi (2008), o analista deve considerar as condições de produção no trabalho com as variadas materialidades discursivas as quais são analisadas. O analista deve considerar a exterioridade na produção do discurso e dos sentidos; os dizeres são mais que mensagens e deixam vestígios. Quanto aos discursos em relação à exterioridade, destaca-se que o dizer tem relação com o dito e com o que não é dito (e até com o que não poderia ser dito).

Entende-se que as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação; também a memória aciona e faz valer as condições de produção como algo fundamental.

Orlandi (1999, p.83) questiona essas reflexões:

[...] se o não-dizer significa, então que o analista pode tomar tudo o que não foi dito como relativo ao dito em análise? Não há limites para isso? Esta é uma questão de método: partimos do dizer, de suas condições e da relação com a memória, com o saber discursivo para delinear as margens do não-dito que faz os contornos do dito significativamente. Não é tudo que não foi dito, é só o não dito relevante para aquela situação significativa.

Não é uma questão de tudo ou nada, nem de critérios positivos. São os recortes que mostram o não-dito que constitui o processo discursivo em questão em cada uma das análises realizadas.

Apresenta-se, ainda, o sentido amplo e estrito a ser refletido, em sentido amplo, inclui o contexto sócio-histórico; e em sentido estrito considera-se o momento da enunciação, quando, onde e como ocorre. (PÊCHEUX, 1975). Desta forma, pensando nos contos “Ou Mudei Eu?” e “História de Passarinho”, considerando as condições de produção em sentido amplo e os fatos nas histórias de cada personagem, ao analisar a produção da narrativa de Lygia Fagundes Telles, observa-se que aparecem inscritos os sentidos já-ditos, em outros momentos, como Natal e caridade, por exemplo, assim como o que afeta esse processo. Dito de outro modo, a memória é constituída por esquecimentos, como consumismo, esquecimento da verdadeira comemoração do que é o Natal (ORLANDI, 1999, 2008).

Orlandi (1999) afirma que:

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. Essa é uma determinação necessária para que haja sentidos e sujeitos. Por parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. As ilusões não são defeitos, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. Os sujeitos esquecem que já foi dito – e este não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. [...]

5.4 Indexação de textos narrativos de ficção

Neste subtópico, foi abordada a recuperação dos catálogos *online* de algumas Bibliotecas, tais como: Biblioteca UNESP, Biblioteca da UFSCAR, Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública de Marília e Biblioteca SENAC SP para verificar e comparar os termos de Leitura documental e conteúdo dos termos usados de indexação. Por meio das obras de Lygia Fagundes Telles, nos contos: “Ou mudei eu?” e “História de Passarinho”.

De acordo com os resultados das buscas, foi possível averiguar por meio das recuperações da informação realizadas nos catálogos *online* das Bibliotecas pesquisadas que os termos dos assuntos apresentados foram praticamente os mesmos no tocante ao gênero e à nacionalidade. É justamente

nesse processo de indexação (leitura técnica) que a extração e a seleção de conceitos representam um processo insuficiente com relação aos textos narrativos de ficção.

A linguagem de indexação oferece termos padronizados para representar o assunto ou assuntos identificados nos documentos analisados em documentos técnico-científicos. Essa padronização da indexação não atende aos textos narrativos de ficção.

Dessa forma, segue a figura com os termos recuperados (gênero e nacionalidade) nos catálogos online das Bibliotecas acessadas:

Figura 10 - Busca em unidade de informação: contos

“Ou Mudei Eu? e História de Passarinho”

Biblioteca	Software/Sistema	Assunto
Biblioteca Nacional	Sophia	Ficção brasileira
Biblioteca Unesp	Athena	Ficção brasileira
Biblioteca UFSCar	Pergamum	Contos brasileiros
Biblioteca Senac	WebBN	Contos brasileiros Literatura Literatura brasileira
Biblioteca Pública Municipal de Marília	Bibliivre	Literatura brasileira - Contos

Fonte: Elaborado pela autora

Por meio da Análise do Discurso, o texto narrativo de ficção da Lygia Fagundes Telles, foi possível observar outros termos a serem representados através de seu conto:

Figura 11 - Ou Mudei Eu?

Desigualdade social	Consumismo
Povo indígena	Centro urbanos – desigualdade social
Comemorações natalinas	Infância

Fonte: Elaborado pela autora

Na análise do discurso de um texto, podemos observar as projeções da enunciação no enunciado; os recursos de persuasão utilizados para criar o texto (relação enunciador/enunciatário) e os temas e figuras utilizados. É no discurso que se percebe com mais clareza os valores sobre os quais se assenta o texto. Analisar o discurso é, por isso, determinar as condições de produção do texto com o uso das categorias: personagem, evento, espaço e tempo, que, no discurso oferece.

A Análise do Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentido, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se, assim, novas práticas de leitura (ORLANDI, 1999, p.27).

Desta forma, uma parte é de responsabilidade do analista e uma que deriva do método e no alcance teórico da Análise do Discurso. O que é de sua responsabilidade é a formulação da questão que desencadeia a análise.

Figura 12 – História de Passarinho

Solidão	Desprezo
Liberdade	Depressão
Desaparecimento	Violência verbal

Fonte: Elaborado pela autora

Os termos recuperados na busca através dos catálogos online das Bibliotecas pesquisadas, o usuário encontra apenas assuntos por gênero/nacionalidade, acaba sendo insuficiente no momento da pesquisa.

A leitura discursiva é de suma importância no processo de Análise Documental porque é nesse momento em que há a identificação e seleção dos conceitos que irão representar o texto narrativo de ficção. No processo da leitura o foco é identificar o tema, conteúdo intrínseco ao documento e, também, o conteúdo de interesse para os usuários. (LIMA, 2018).

Aplicou a Análise do Discurso Literário, a linguística em objeto discursivo, questionou-se: “o que é dito neste discurso? O que é dito em outro discurso?”, ou seja, através do cruzamento de dizeres discursivos chegamos ao interdiscurso, sendo interativo na medida em que nesse momento da análise o contexto histórico e ideológico, passou a ser considerado, pois esta é a essência do interdiscurso. (CAPRIOLI, 2022).

De acordo com as singularidades do gênero, texto narrativos de ficção, ressaltou-se os recursos narrativos de acordo com o Modelo de Leitura de Lima (2021), baseado em Begthol (personagem, evento, espaço e tempo). Entender os discursos literários, e dessa forma, através do Modelo de Leitura de Lima, realizou-se a seleção de termos que pudesse identificar melhor a obra literária de ficção.

Sabbag (2018) questiona em sua tese a leitura integral das obras, no processo de análise de textos narrativos de ficção e sua representação dos conteúdos. Ela coloca a questão de tempo que o profissional não dispõe dessa possibilidade nas bibliotecas. Dessa forma, qual recurso estratégico o analista pode utilizar para a leitura técnica de um texto narrativo de ficção? Mas, se pensarmos desta forma, nosso usuário final, o que necessita da informação, não conseguirá buscar ou recuperar os documentos literários de forma mais plausível (textos narrativos de ficção). Por isso, temos a Análise de Discurso de Matriz francesa como metodologia e modelos de leitura sendo criados.

Apropriadamos das bases da Análise Literária, com a delimitação do corpus, não seguindo critérios empíricos, mas teóricos. Todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Orlandi (1999) almeja a exaustividade vertical, deve ser considerada em relação aos objetivos da análise e à sua temática. Essa profundidade não trata os dados como meras ilustrações, mas sim como fatos da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva.

Ver a língua de um ponto de vista discursivo é, portanto, ir além dos horizontes dados pela gramática. Nos discursos produzidos pelo homem está toda a sua história, aquilo que foi dito e foi silenciado (que, entretanto, podemos recuperar pelas marcas, pistas deixadas), as relações de interação, de intercâmbio e as relações de oposição, polêmicas e antagonismos estabelecidos. Enfim, as relações de poder, de dominação, de alianças, de silenciamentos (BRANDÃO, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa foram realizados de acordo com o que foi proposto, em fazer a Análise de Discurso, experimentar um Modelo de Leitura Documental e seguir a metodologia da Análise do Discurso de Matriz francesa e, assim, caracterizar as singularidades dos discursos literários de ficção dos contos de Lygia Fagundes Telles.

No capítulo 2, pontuei sobre a Organização do Conhecimento e sua importância dentro da pesquisa.

No capítulo 3 tratou-se sobre a Análise Documental, e como a Análise do Discurso Literário serve como auxílio no momento da Análise para auxiliar na representação em unidades de informação.

Explanou-se, no capítulo 4, os conceitos de Análise do Discurso Literário, e em seguida, apresentou um histórico da Análise do Discurso de Matriz Francesa como metodologia. Por fim, adentrou-se na vida e obra da autora Lygia Fagundes Telles.

No capítulo 5 apresentou os resultados das análises da pesquisa realizada: a Análise de Discurso Literário dos contos “Ou eu Mudei?” e “História de Passarinho” com base na Análise do Discurso de Matriz Francesa. Apresentou os assuntos extraídos dos contos, por meio da Análise de Discurso Literário. Foi realizado comparações das diferentes representações recuperadas através da análise dos textos narrativos de ficção.

Posteriormente, foram acessados os sites de cinco bibliotecas: Biblioteca da UNESP, Biblioteca da UFSCAR, Biblioteca Nacional, Biblioteca Pública de Marília e Biblioteca SENAC SP, onde foi feito a verificação e comparação das terminologias usadas de indexação em textos literários de ficção, com os termos alcançados por meio da Análise do Discurso Literário, com base nos contos de Lygia Fagundes Telles: “Ou mudei eu?” e “História de Passarinho”.

No capítulo 6, propôs a Análise do Discurso como metodologia, que se apresentou viável para análise de textos literários, especificamente, textos narrativos de ficção, para auxiliar na representação da informação.

Os contos escolhidos das obras de Lygia Fagundes Telles passaram por análise, buscou caracterizar e articular as singularidades do discurso literário. Nesse processo de relação entre os conceitos, Mazière (2007) conceitua a construção do "dispositivo de observação" para que o analista do discurso (bibliotecário/indexador) possa efetuar a análise.

O dispositivo de observação foi necessário para se atentar nos elementos que interferem na produção de todo e qualquer discurso. Para o analista do discurso, na medida em que a materialidade do enunciado ou de um grupo de enunciados, destaca o papel do analista do discurso.

Embora polêmica, a noção de formação discursiva é básica para a Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia, dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso, utilizando a metodologia de matriz francesa. (ORLANDI, 1999).

A Análise do Discurso de matriz francesa como metodologia foi importante para demonstrar que a proposta da pesquisa foi favorável para a análise em leitura. Os contos da autora Lygia Fagundes Telles, foram analisados para a observação de termos que pudessem representar a obra. Os textos narrativos de ficção podem ser melhor representados se analisados sob a ótica da Análise do Discurso, possibilitando, assim, mais uma possibilidade de recuperação e uso dos documentos.

Por fim, conclui-se que esta pesquisa conseguiu atingir os objetivos (geral e específicos), pois demonstrou a importância de utilizar o Modelo de Leitura documental e tendo como metodologia a Análise do Discurso de Matriz francesa para a representação temática da informação. Assim como, a Análise do Discurso Literário teve um papel importante no auxílio ao profissional para a compreensão do contexto da obra e em que circunstâncias ela foi produzida para que a representação. E que futuras pesquisas sobre Análise do Discurso

e representações da informação, projete novos modelos de leitura para textos narrativos de ficção.

E, finalmente, com base no pensamento de Moraes (2011) define os textos narrativos de ficção como uma forma de arte, uma manifestação artística construída com palavras que ultrapassam os escritos originários da imaginação do escritor, pois podem conter elementos concretos da realidade. Considerar um texto narrativo de ficção como obra de arte, é voltar um olhar totalmente novo no que diz respeito à análise documental.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 12676: métodos para análise de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação. Rio de Janeiro, 1992.

ABL (Academia Brasileira de Letras). **Lygia Fagundes Telles**: Biografia. Disponível em: <<http://www.academia.org/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

ANTONIO, D. M. **O percurso gerativo de sentido aplicado à análise documental de textos narrativos de ficção perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias**. 2008. 137f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

ANTONIO, D. M.; MORAES, J. B. E. O Percurso Gerativo de Sentido aplicado a Análise documental de textos narrativos de ficção: perspectivas de utilização em bibliotecas universitárias. In: Gustavo Henrique de Araújo Freire. (Org.) **A responsabilidade social da Ciência da Informação**. João Pessoa: UFPB, 2009, v. 10, p. 644-662.

BARITÉ, Mario. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en bibliotecología y documentación. In: CARRARA, K. (org.). **Educação, universidade e pesquisa**: textos completos do III simpósio em filosofia e ciência: paradigmas do conhecimento no final do milênio. Marília: Unesp-Marília-Publicacoes; São Paulo: FAPESP, 2001. p. 35-60.

BARROS, T. H. B. A representação arquivística: uma análise do discurso teórico e institucional a partir dos contextos espanhol, canadense e brasileiro. 2014. 218 f. Tese apresentada ao Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, 2014.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução a análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, 96 p.

BRANDÃO, H. H. N. **Analisando um Discurso**. Museu da Língua Portuguesa, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/ofeli/Downloads/33870-Texto%20do%20artigo-88325-1-10-20171224.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.

BEGHTOL, C. Bibliographic classification theory and text linguistics: aboutness analysis, intertextuality and the cognitive act of classifying documents. **Journal of Documentation**, London, v. 42, n. 2, p. 84-113, June 1986.

BEGHTOL, C. **The classification of fiction**: the development of a system based on theoretical principles. Metuhen, NJ: Scarecrow Press, 1994.

CAPRIOLI, Mariana da Silva. Análise do discurso literário: proposta de metodologia no processo de análise documental de textos narrativos de ficção. **Dissertação** (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.

CAPRIOLI, Mariana da Silva. Análise do Discurso Literário no processo de Análise Documental de textos narrativos de ficção: comparações discursivas e proposta de Modelo de Leitura para contos. **Tese** (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2022.

CHAUMIER, J. Indexação: conceito, etapas e instrumentos. Trad. José Augusto Chaves Guimarães. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v.21, n.1/2, p.63-79, jan./jun. 1988. Disponível em:< www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=19202>.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Senac, 2003.

COSTA, C. E. **Análise documental de texto narrativo de ficção**: uma experiência com "Vestido de Noiva" de Nelson Rodrigues. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução a linguística**. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1969, p. 690.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FUJITA, M. S. L. et.al. Indexação de obras de ficção em bibliotecas: avaliação e adequação do Modelo para Indexação de Ficção (MENTIF). **Scielo**, v. 17, n.1, out., 2017. Disponível em: [link](#)

GUIMARAES, J.A.C. A. **Análise documentaria no âmbito do tratamento temático da informação: elementos históricos e conceituais**. In: RODRIGUES, G.M.; HENRY, P. Os fundamentos teóricos da "análise automática do discurso" de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 13.

GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento da informação e suas interlocuções como universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, v.1, n.1, p. 77-99, jan./jun., 2008.

GUIMARÃES, J. A. C. **Perspectiva de ensino e pesquisa em organização do conhecimento em cursos de biblioteconomia: uma reflexão**. In: CARRARA, K. (Org.) Educação, Universidade e Pesquisa. São Paulo: FAPESP, 2001.

GUIMARÃES, J. A. C.; MORAES, J. B. E.; GUARIDO, M. D. M. (2007). Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y

perspectivas metodológicas. In: GÁRCIA MARCO, F. J. (Org.). **Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación em entorno digital**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007. p. 93-10.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Arquivo Lygia Fagundes Telles. 2021.

LIMA, L. de M. A institucionalização cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil: uma análise discursiva com base nos anais do gt1 ENANCIB em sua primeira década. 100 f. - **Dissertação** (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

LIMA, L. de M. *et. al.* Tendências em processos e sistemas da organização do conhecimento de textos narrativos de ficção. **Scire: representación y organización del conocimiento**, v. 26, n.1, p. 27-34, 2020. Disponível em: <https://www.iberid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/4685>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LIMA, L. de M. Modelo de análise documental de textos literários pela perspectiva da análise do discurso: um estudo dos contos de Clarice Lispector, 2021.137f. **Tese** (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2021.

LOPES, I.L. (Org.). Organização e representação do conhecimento na perspectiva da **Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2003, p. 100-117.

MAINGUENEAU, D. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

MAINGUENEAU, D. **Elementos de Linguística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, D. **O contexto da obra literária**: enunciação, escritor, sociedade. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. 1 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Souza-e-Silva, Cecília P; Rocha, Décio. São Paulo: Cortez, 2005.

MORAES, J. B. E. A questão do aboutness no texto narrativo de ficção: perspectivas metodológicas para a Ciência da Informação, 2011. 93 f. **Tese** (Livre-docência em Linguística e Documentação) - Departamento de Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp, Marília, 2011.

MORAES, J. B. E.; DAMAZO, A. C.; LARA, L. M. Avaliação da proposta de análise documental de textos narrativos de ficção. In: Francisco Javier García Marco. (Org.). Ibersid 2008 -Revista de sistemas de información y documentación. Zaragoza:

Ibersid/Prensas Univesitarias de Zaragoza, 2008, p. 177-184.

MORAES, J. B. E.; GUIMARÃES, J.A.C. **Análise documental de conteúdo de textos literários narrativos**: em busca de um diálogo entre as concepções de aboutness/meaning e percurso temático/percurso figurativo. In: GASPAR, Nádea Regina; ROMÃO, Lucilia Maria Sousa. (Org.). Discurso e Texto multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação. São Carlos: EDUFSCar, 2008, v.2, p. 35-45.

ORLANDI, E. L.P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. L. P. **Discurso e leitura**. 5. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2008.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, M. **Ler o arquivo hoje**. In: Orlandi, E. P. Gestos de Leitura: da História no discurso. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PINTO MOLINA, M. **Introducción al análisis documental y sus niveles**: el análisis de contenido. Boletín de la ANABAD, tomo 39, n.2, p.323-341, 1989.

Rezende, Maria José de. **A ditadura militar no Brasil**: repressão e pretensão de legitimidade: 1964-1984. – Londrina: EdueL, 2013

SABBAG, D. M. A. Análise documental em textos narrativos de ficção: subsídios para o processo de análise, 2013. 160 f. **Tese** (Doutorado em Ciência da Informação/ Informação, tecnologia e conhecimento) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

STAFUZZA, G. **Análise do Discurso Literário**: das vozes de Homero em Joyce. Brasil: Appris, 2011.

TELLES, L. F. **As meninas**: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELLES, L. F. **Os contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

VALLE, M. R. do (org.). **1964 – 2014**: Golpe militar, história, memória e direitos humanos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

VAN DIJK, T. **La ciencia del texto**: un enfoque interdisciplinario. Barcelona: Paidós, 1997.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VERSA, C. R.; SOARES, A. S. F. **Sujeito e sentido em O dia em que matei meu pai, de Mario Sabino**. In PATTI, A. R. et al (Orgs.). Textecendo discursos na contemporaneidade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014, 421 p.